



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS
DA AMAZÔNIA - PPGEAA

FRANCIORLIS FREITAS VIANA

TURISTA E VAGABUNDO:
ADAPTAÇÕES DA CULTURA EM VILAS DE MAIANDEUA –
ALGODOAL E FORTALEZINHA

Castanhal

2024

FRANCIORLIS FREITAS VIANA

**TURISTA E VAGABUNDO:
ADAPTAÇÕES DA CULTURA EM VILAS DE MAIANDEUA –
ALGODOAL E FORTALEZINHA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos da Amazônia (PPGEA), da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Antrópicos da Amazônia

Orientador: Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes.

Castanhal

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V614t Viana, Franciorlis Freitas

Turista e vagabundo: adaptações da cultura em vilas de
Maiandeuá : Algodal e Fortalezinha / Franciorlis Freitas Viana. -
Belém, 2025. 149 p.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará.
Programa de Pós-graduação e Estudos Antrópicos da Amazônia
(PPGEAA)

Índice para catálogo sistemático:

1. Cultura 306

Semias Araújo - Bibliotecário - CRB-2/1225

Dissertação defendida em 13/ 08/2024

Banca examinadora

Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes - Orientador

Profa. Dra. Edilza Laray de Jesus

Prof. Dr. Daniel Fernandes dos Santos

RESUMO

Turista e Vagabundo: Adaptações da cultura em vilas de Maiandeuá – Algodão e Fortalezinha, é uma pesquisa realizada em Maiandeuá, uma ilha brasileira, na Amazônia, situada no litoral do nordeste paraense, e possui uma extensão aproximada de 23 KM² hectares, com aproximadamente 2.000 moradores. Maiandeuá é composta por quatro vilas principais, e outros pequenos núcleos habitados. Das quatro vilas, analisaremos as duas que são influenciadas pelo turismo de massa: Fortalezinha e Algodão. Maiandeuá, ancorada nas vilas de Fortalezinha e Algodão, é um dos pontos turísticos mais importantes do Pará, e que passa por consideráveis transformações infraestruturacionais, ambientais e socioculturais. A presente pesquisa se debruça sobre as modificações sofridas no âmbito da identidade cultural de Maiandeuá, em particular, das vilas mencionadas; uma análise a partir da ideia-base de Zygmunt Bauman acerca da metáfora “Turista e Vagabundo”, presentes no livro *O Mal-estar da pós-modernidade*. Interessou para a pesquisa avaliar, a partir do diálogo de saberes, até que ponto a interação entre os turistas e os moradores têm gerado uma tensão semelhante à descrita por Bauman, com consequências para a identidade cultural: as adaptações da cultura local como um mecanismo de fidelização do turista e incremento do processo de turistificação. Desta forma, a pesquisa pretende colaborar para a conscientização de ambos os atores (turista e vagabundo) sobre seus potenciais efeitos na identidade cultural de Maiandeuá, e, por tabela, em outras localidades com características semelhantes.

PALAVRAS-CHAVE: Fortalezinha. Algodão. Turista e vagabundo. Cultura. Adaptações Culturais.

ABSTRACT

Tourists and Vagabonds: Cultural Adaptations in the Villages of Maiandeuá – Algodual and Fortalezinha This research focuses on Maiandeuá, a Brazilian island located in the Amazon region on the northeastern coast of Pará. It covers an approximate area of 23 km² and is home to around 2,000 residents. Maiandeuá is composed of four main villages and several smaller inhabited areas. Of these four villages, we will analyze the two most influenced by mass tourism: Fortalezinha and Algodual. Maiandeuá, centered around the villages of Fortalezinha and Algodual, is one of the most important tourist destinations in Pará and is undergoing significant infrastructural, environmental, and sociocultural transformations. This research explores the modifications in the cultural identity of Maiandeuá, focusing specifically on the aforementioned villages, through the framework of Zygmunt Bauman's metaphor of "Tourists and Vagabonds" as presented in his book *The Malaise of Postmodernity*. The study aims to evaluate, through a dialogue of knowledge, to what extent the interaction between tourists and residents has created tensions similar to those described by Bauman, with implications for cultural identity: the adaptations of local culture as a mechanism for tourist retention and the enhancement of the process of touristification. Thus, the research seeks to contribute to the awareness of both actors (tourists and vagabonds) about their potential effects on the cultural identity of Maiandeuá, and by extension, on other locations with similar characteristics.

Keywords: Fortalezinha. Algodual. Tourist and Vagabond. Culture. Cultural Adaptations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	14
Figura 2 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	16
Figura 3 – Mapa de Maiandeuá. Fonte: GPSA-Amazônias (NUMA/UFPA).....	18
Figura 4 Vila de Camboinha – acervo Pedro Henrique do Vale Guimarães (PPGEAA - UFPA - COLINS)	19
Figura 5 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	20
Figura 6 Imagem b - Vila de Camboinha - acervo Pedro Henrique do Vale Guimarães (PPGEAA - UFPA - COLINS)	22
Figura 7 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	23
Figura 8 Imagem a - Vila de Fortalezinha - acervo Pedro Henrique do Vale Guimarães (PPGEAA - UFPA - COLINS)	24
Figura 9 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	25
Figura 10 Vila de Algodual - acervo Pedro Henrique do Vale Guimarães (PPGEAA - UFPA - COLINS)	26
Figura 11 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	27
Figura 12 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	39
Figura 13 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	39
Figura 14 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	39
Figura 15 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	70
Figura 16 - Encontro no Bar da Pedra - Fonte: Página Algodual Magia.	74
Figura 17 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	79

Figura 18 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	80
Figura 19 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	82
Figura 20 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	84
Figura 21 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	85
Figura 22 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	86
Figura 23 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	86
Figura 24 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	87
Figura 25 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	89
Figura 26 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	93
Figura 27 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	94
Figura 28 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	96
Figura 29 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	100
Figura 30 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	104
Figura 31 Acervo Franciorlis Freitas Viana.....	104
Figura 32 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	106
Figura 33 Imagem extraída do site Bora de Trip	109
Figura 34 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	110
Figura 35 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	114
Figura 36 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	117
Figura 37 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	118
Figura 38 Imagens extraídas da internet.....	119

Figura 39 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	120
Figura 40 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	122
Figura 41 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	123
Figura 42 Acervo de Franciorlis Freitas Viana.....	130

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	14
MOTIVAÇÕES	14
CAMPO E LOCUS DA PESQUISA	17
CAMBOINHA	19
FORTALEZINHA	24
ALGODOAL	26
CAPÍTULO 1: MALHA DE SABERES	29
1.1 DA DIFICULDADE METODOLÓGICA	29
1.2 MALHA DE SABERES; METODOLOGIA DIALÓGICA	31
1.3. DISCUSSÕES, DIGRESSÕES, E ANÁLISES INICIAIS SOBRE ALGODOAL E FORTALEZINHA	36
1.4 TURISTA E VAGABUNDO.....	45
CAPÍTULO 2: PEGADAS NA AREIA DA PRAIA	51
2.1 PEGADAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
2.2 DISCUSSÕES E OLHARES SOBRE ALGODOAL E FORTALEZINHA	53
2.3 ALGODOAL E FORTALEZINHA LÍQUIDAS?	64
2.4 GRUZINSKI E CANCLINI	72
2.5 DIFERENCIAL DA PESQUISA.....	77
CAPÍTULO 3: ITINERÂNCIAS DE UM PESQUISADOR EM UMA ILHA DA AMAZÔNIA	78
3.1 Oeste de Maiandeuá	79
3.3 Sul de Maiandeuá	96
CAPÍTULO 4: EXEMPLOS PRÁTICOS DE ADAPTAÇÕES DA CULTURA EM ALGODOAL E FORTALEZINHA	105
4.1 O PROCESSO SOCIOTEMPORAL DA ADAPTAÇÃO DA CULTURA (OU O GATO DO MONASTÉRIO).....	105

4.2 TURISMO COMUNITÁRIO, UMA SOLUÇÃO PARA O TURISTA E O VAGABUNDO?.....	126
CONCLUSÃO.....	131
REFERÊNCIAS.....	134

A praia de Algodual
é linda e tem riqueza
no farol de Maiandeua
aonde mora a Princesa
Já ouvi a Princesa falar
nos morros de Maiandeua
na Praia de Algodual

Mestre Chico Braga

Agradecimentos:

José Guilherme dos Santos Fernandes, meu orientador, pela paciência com minha gestação de elefante.

Equipe do COLINS, pelo convívio em grupo, pelas trocas de saberes que me auxiliaram muito.

Professores **Edilza Laray de Jesus** e **Daniel dos Santos Fernandes**, pelas importantes colaborações com a versão final da dissertação.

Moradores e moradoras de Algodual, Camboinha, Fortalezinha e Mocoóca, por me oportunizarem saberes, olhares, histórias e memórias da ilha.

Princesa de Algodual, por cuidar de Maiandeua, dos moradores, do meio ambiente, dos turistas, e dos demais encantados da ilha.

INTRODUÇÃO

MOTIVAÇÕES

Desde 2008, durante as altas temporadas, frequento Maiandeuá, em especial, a Vila de Algodual – a mais famosa das quatro vilas que compõem a ilha (Algodual, Camboinha, Fortalezinha e Mocoóca). Minhas visitas costumavam ser no período pós-réveillon, entre os dias cinco e dez de janeiro, quando o custo de pousadas e alimentação tendem a diminuir.

Avistada de longe, Algodual é um tapete branco amurado pelo verde da flora nativa.



Figura 1 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Como turista, consumia o melhor da ilha sem preocupações acerca de efeitos que minha simples estada/passagem causava. Cada visita resultava em um apinhado de registros fotográficos que serviam para alimentar o estômago insaciável das minhas redes sociais. Ou seja, além de me esbaldar com as belezas naturais de Algodual, vibrava pelo fato de essa terra paradisíaca ser “instagramável”.

De certa forma, Algodual sempre me pareceu convidativa, artificialmente preparada para me agradar, desde o sorriso dos timoneiros até a cordialidade dos moradores (em 2012, 1973 moradores¹). Maiandeu era como uma grande recepção ao ar livre de um resort.

Uma luz acendeu em minha perspectiva acerca de Maiandeu durante pesquisa sobre a mitopoética² local para a elaboração de um livro de contos ficcionais³.

Cabe destacar que, além de escritor ficcional com carreira consolidada no Pará, tenho graduação em Letras/Língua Portuguesa (UFPA/Castanhal), com atuação profissional na área da justiça, como Oficial Ministerial do Ministério Público do Estado do Pará.

Para atingir meu objetivo literário, efetuei viagens, principalmente, para Algodual, atrás de relatos de moradores sobre as lendas mais conhecidas, como a da Princesa, a das Três Freiras afogadas, e outras. A cada nova narrativa, a cada nova amizade, a cada novo diálogo, Maiandeu foi se humanizando para mim. Como se uma onda tivesse me banhado e me lavado da ótica fria, aut centrada, consumista, metropolitista e distante. Compreendi que me relacionara até então com aquele espaço-lugar como me relaciono com um hotel. Mesmo a percepção da riqueza artística de Maiandeu – como o carimbó e o artesanato – eram envoltos em uma romantização quase pueril acerca do trabalhador cultural; o artesão, o componente de grupo de dança típica, o mestre de carimbó eram seres de luz existentes somente para materialização do objeto que eu compraria e traria para adornar algum espaço da minha residência.

¹ Fonte: SEMA (2012, P. 15-16)

² Conforme João de Jesus Paes Loureiro: “A forma de uma poética do ser, uma forma de imaginação maravilhada, campo da gratuidade pura, uma das formas de finalidade sem fim na existência. Portanto, a partir daí, entendemos que o mito é a significação/significante da expressão sensível, dessa poética do ser em que o imaginário se constitui para o homem” (PAES LOUREIRO, 2000, p. 68 a 69).

³ Fantasilhoso, Prêmio IAP, publicado em 2013.



Figura 2 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Estar consciente do que provocamos e nos provoca é uma ferramenta importante para termos o controle da negociação cultural. O que pode ser perdido em prol de manter a fidelização do turista? Até que ponto um produto cultural pode ser criado para o consumo do turista sem perdas vitais de identidade cultural local? Até que ponto o imaginário pode sofrer adaptações para manter uma narrativa mítica que servirá para retroalimentar o fluxo turístico? Até que ponto o turista pode desfrutar do seu sagrado direito ao lazer sem analisar as mudanças que provoca nas culturas alheias? Até que ponto a floresta de mercadorias tem afetado Maiandeua? Até que ponto uma cultura que se adapta ao sujeito exógeno se mantém cultura local? Quem tiver acesso a esta dissertação, jamais desfrutará (espero!) de um final de semana na praia sem refletir acerca da realidade das pessoas que ali vivem, trabalham e lutam por uma vida mais digna? Estragarei a mente despreocupada de turistas baumanianos? Se isso ocorrer, todas as viagens para Algodual e Fortalezinha, imersão nos problemas de ambas as vilas, amizades, devaneios, digressões,

estudo, leituras, escrevivências e escriturações, entrevistas, e os recursos gastos para custear meus deslocamentos à Maiandeuá, tudo isso, terá valido a pena.

CAMPO E *LOCUS* DA PESQUISA

Algadoal/Maiandeuá é uma ilha brasileira, na Amazônia, situada no litoral do nordeste do Pará, e que, conforme Mascarenhas, possui uma extensão aproximada de 23 KM² hectares (MASCARENHAS, 2004). Trata-se de uma Área de Proteção Ambiental (A.P.A) desde 1990, pertencente ao município de Maracanã.

A vegetação da ilha é marcada pela presença de manguezais, dunas, restingas, planícies fluviomarinhas, tabuleiro e vastas áreas de praia.

Maiandeuá é composta por diversas vilas. Algadoal, Fortalezinha, Camboinha e Mocoóca se destacam por um ou mais dos seguintes quesitos: importância histórica, renome, infraestrutura e procura turística.

Como este trabalho tem como mote analisar as adaptações culturais relacionadas a presença do turista, optei por delimitar como *locus* da pesquisa as vilas de Algadoal e Fortalezinha por apresentarem um cenário de turistificação desenvolvido, consolidado, com influência socioeconômica para os moradores e grande fluxo de turistas.

Para ajudar na compreensão espacial sobre a ilha de Maiandeuá, compartilho a seguir uma cartografia participativa de 2023, elaborada pelo Grupo GPSA-Amazônias (NUMA/UFPA), que tem como título *Cartografia participativa da Área de Proteção Ambiental (APA) Algadoal-Maiandeuá, Maracanã, Pará, Amazônia, Brasil:*

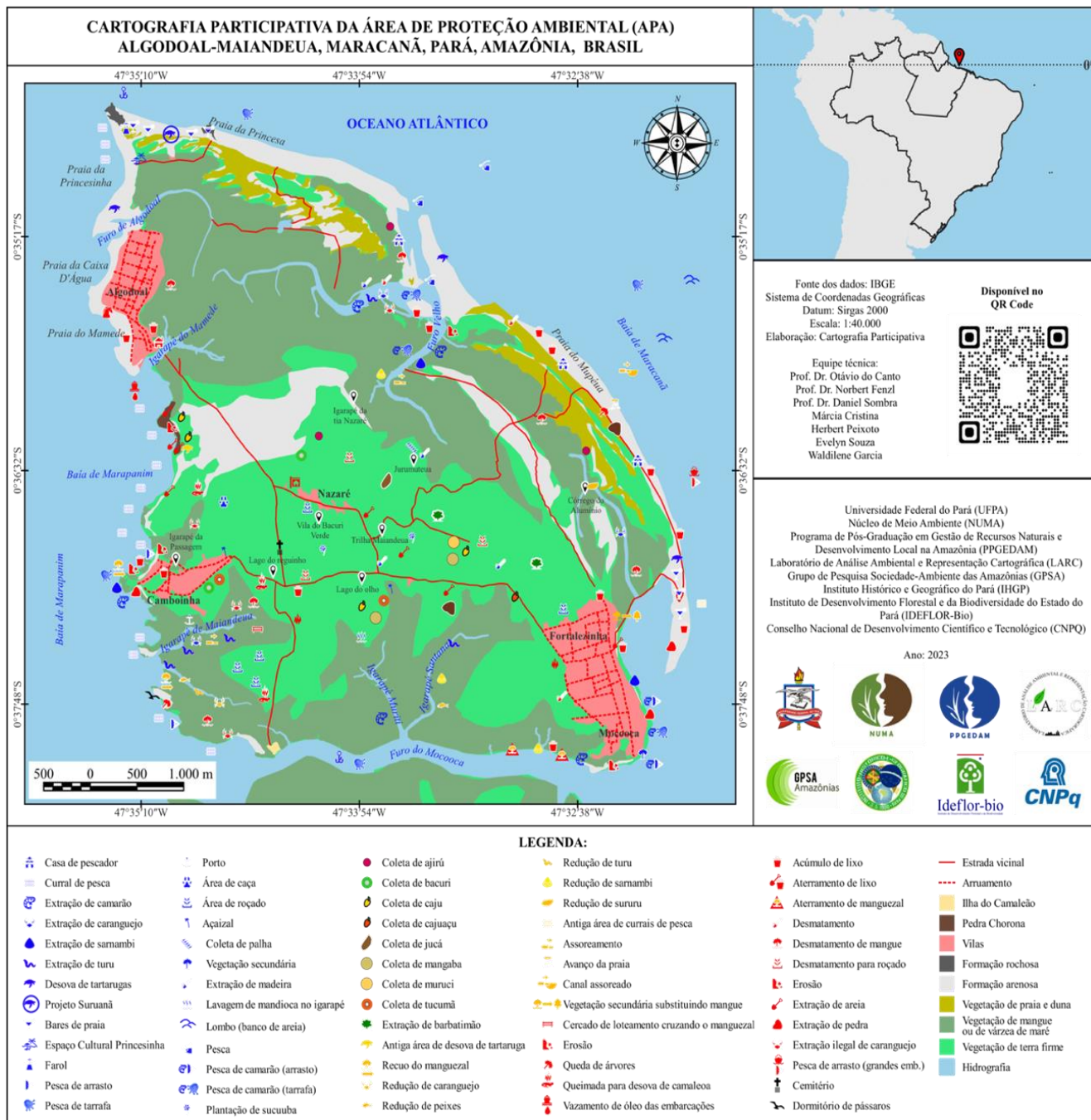


Figura 3 – Mapa de Maiandeuá. Fonte: GPSA-Amazônias (NUMA/UFPA)

CAMBOINHA



Figura 4 Vila de Camboinha – acervo Pedro Henrique do Vale Guimarães (PPGEAA - UFPA - COLINS)

A vila de Camboinha é uma área relativamente próxima da Vila de Algodual. A travessia é feita por intermédio de pô-pô-pô, e dura cerca de cinco minutos. Porém, não há horários regulares, tampouco embarcações fixas; é necessário negociar uma “carona remunerada” com pescadores que ocasionalmente estejam em deslocamento para a vila – e vice-versa.

Reconhecida como uma vila de pescadores, Camboinha se destaca pela pesca do camarão e outros frutos do mar. O nome da vila, inclusive, tem relação com a atividade pesqueira. Camboa é uma cova aberta na beira do mar que serve como armadilha para peixes.

Segundo relatam os antigos, Camboinha é devido a pescaria, né? Segundo alguns, os religiosos que vieram através da colonização aí, alguns trezentos anos atrás, e que eles como não tinham o artefato de poder cortar a madeira, eles colocavam pedras e faziam um aglomerado de pedras, digamos, de um metro, um metro e meio na realidade, uma grande roda de pedras, e a maré entrava e vazava e ficavam

lá os peixes. Camboinha é nesse contexto aí de camboa, no caso curral de pedras⁴



Figura 5 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

A narrativa do morador Professor é um recorte de um todo imperativo em Camboinha e, de modo geral, em toda a ilha de Maiandeuá: a memória e a história oral são supedâneos importantes para o registro da cultura local. Sem um acervo documental acessível ao público, a reconstrução da história de Maiandeuá se dá por intermédio de relatos dos antigos, muitas vezes, repassados pelos narradores mais jovens, como é o caso do Professor, que ao explicar a origem do nome da vila, reconta a passagem dos religiosos pelo local, no caso, os capuchinhos.

A metodologia Malha de Saberes, que que utilizarei para calcar esta pesquisa, trabalha exatamente a importância da memória, oralidade e espaço de voz para o narrador local, o nativo. O nativo não apenas é um objeto de estudo,

⁴ Na Malha de Saberes, as transcrições de áudios coletados em campo seguem modelo próprio em fonte Lucida Handwriting. Fernandes explica: “A opção por esta fonte no discurso oral é em decorrência dela simular, por seu caráter mais cursivo, o manuscrito, que em meu entender está mais próximo do corpo, como a voz, sem intermediação de instrumentos mais mecânicos (FERNANDES, 2017, p.7).

um meio para atingir a finalidade de uma pesquisa, e sim, um produtor do conhecimento conjuntamente com o pesquisador.

Pelo caráter intercultural, em especial, do Colaboratório necessitamos de metodologias que sejam inclusivas e colaborativas, daí que surgiu o método da Malha de Saberes como instrumento facilitador e propiciador do diálogo de saberes, em consideração às diferentes formas de produção e transmissão de conhecimentos. Assim, a história oral enquanto método é pertinente ao instrumento, posto que se configura como discurso dialógico, e mais, um gênero discursivo moldado por várias vozes e suporte narrativo e histórico, com o entrevistado tendo a autoridade e a consciência de narrador, em que o conhecimento inicia-se na oralidade deste e conclui-se na escritura do historiador (PORTELLI, 2001): há a prevalência da forma narrativa, no limiar entre biografia e história, entre experiência individual e as transformações da sociedade. FERNANDES et al., 2021, p.295).

Camboinha (e Maiandeuá como um todo) é uma localidade com escassez ou ausência de registros documentais de sua própria história, o que mantém sua constituição, natureza social e identidade cultural é o registro oral. Nesse aspecto, o olhar da memória histórica, da memória coletiva e individual presentes na fala do Professor colaborou de modo fundamental para a compreensão sobre a origem da vila de Camboinha.

Este trabalho é do Franciorlis Viana, mas também do Professor, do Poeta, do Historiador, do Pescador, do Pescador da Margem, do Ronco do Motor, do Vendedor, da Ativista, e de tantos outros moradores com os quais cruzei meu caminho – de rio, de ramal, de duna ou de manguezal.

MOCOÓCA



Figura 6 Imagem b - Vila de Camboinha - acervo Pedro Henrique do Vale Guimarães (PPGEAA - UFPA - COLINS)

Tal e qual a vila de Camboinha, Mocoóca também é uma vila de pescadores, com fluxo menor de turismo. Conforme o mapa acima, Mocoóca faz fronteira com a Vila de Fortalezinha. Em termos de percepção geográfica, a maioria dos turistas não deve conseguir distinguir muito bem onde começa e termina as duas vilas, tamanha sua relação siamesa.

Mocoóca é o ponto de ingresso em Maiandeuá, uma vez que o trapiche da vila do 40 do Mocoóca é situado em frente à Vila de Mocoóca, e a maioria dos pô-pô-pôs conduz direto para a margem da vila. Assim sendo, Mocoóca acaba convergindo em um ponto de passagem para as multidões que costumam frequentar a praia de Fortalezinha. Pousadas e hotéis situados em Mocoóca apresentam como atrativos a proximidade com a praia de Fortalezinha. De certa forma, Fortalezinha ofusca Mocoóca.

Mocoóca já teve uma área de praia, mas conforme apurei junto a moradores, mudanças climáticas ocasionaram em um aumento do nível das águas, e desaparecimento de parte da fímbria.

Se a praia de Mocoóca se foi, a criatividade com elementos que remetem à cultura da pesca se manteve; como uma bela e significativa imagem de casa localizada na margem da vila, a poucos metros do ponto de desembarque.



Figura 7 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

FORTALEZINHA



Figura 8 Imagem a - Vila de Fortalezinha - acervo Pedro Henrique do Vale Guimarães (PPGEAA - UFPA - COLINS)

Fortalezinha é vila com economia direcionada para o turismo de massa, não apresenta uma rede de hotelaria sofisticada como a vila de Algodual, mas o cenário está em mudança, com a inauguração da PA-430.

A PA-340 se consolida como via de acesso à Fortalezinha preferida por aqueles que desejam encurtar a travessia fluvial. A rota 40 do Mocoóca–Maiandeuá consome cinco minutos, e com maré amena em comparação com as da rota Marudá–Algodual. Esta alteração, conjuntamente com a chegada da internet de fibra ótica, tem provocado expectativas de crescimento para a vila, desenvolvimento do ramo hoteleiro, e dinamização da renda dos moradores – consequentemente, desafios para a cultura local.

Apesar do potencial turístico de Fortalezinha, os moradores/comerciantes reclamam dos investimentos na infraestrutura da vila, que seriam historicamente menores do que os implementados em Algodual.

Em termos de marketing orgânico da vila, artistas, moradores e a hotelaria local sempre fizeram uso da ideia de que em Fortalezinha (diferentemente de Algodual...) há uma preocupação em preservação da identidade cultural, das tradições, da relação harmoniosa com a natureza, da valorização da ancestralidade.



Figura 9 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Temos então duas imagens delineadas: Algodual como um grande centro e Fortalezinha como uma região periférica da ilha.

ALGODOAL

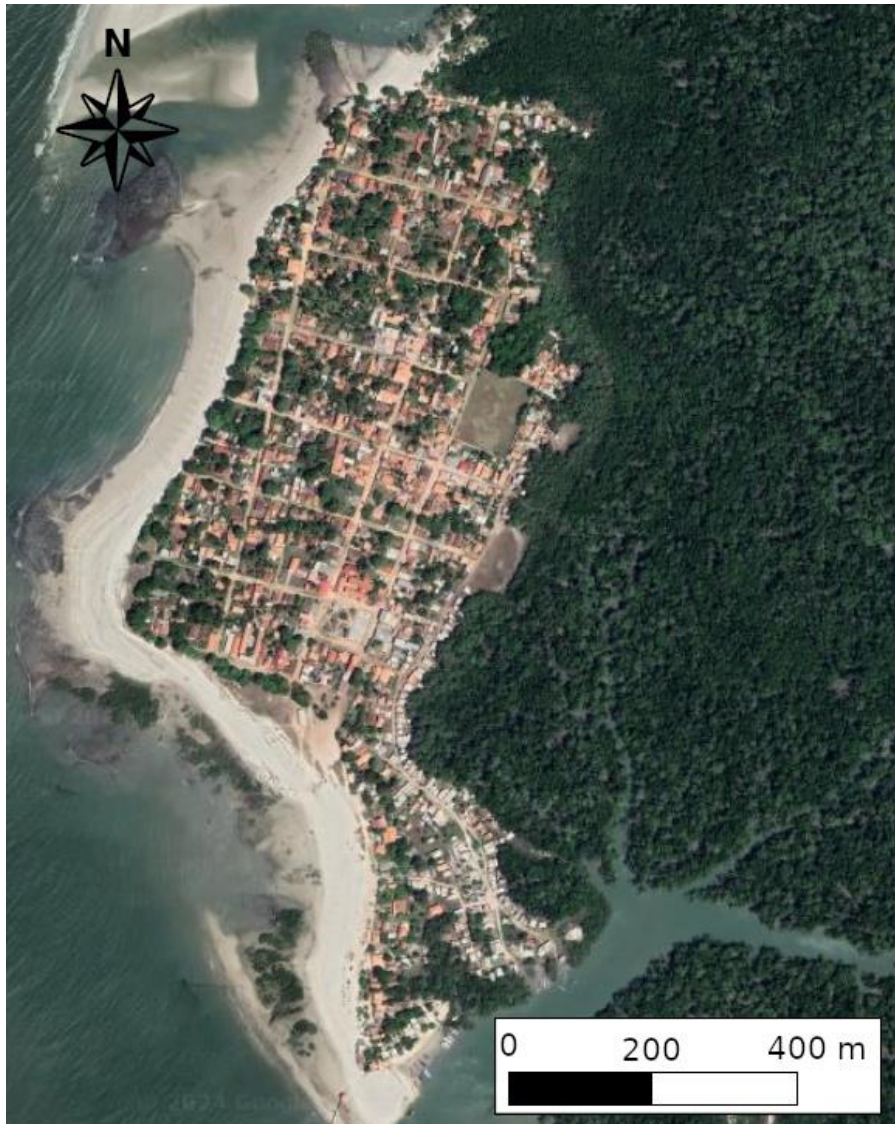


Figura 10 Vila de Algodual - acervo Pedro Henrique do Vale Guimarães (PPGEAA - UFPA - COLINS)

Algodual é a vila mais povoada, com melhor infraestrutura hoteleira e mais visitada de Maiandeuá, também possui maior número de estabelecimentos que promovem eventos culturais, como apresentações de carimbó, músicas eletrônicas,

Possui dois pontos de larga procura por parte dos turistas: a Praia da Princesa e o Lago da Princesa, além de praias como a Praia da Caixa D'água, Praia do Mamede.

Geograficamente, é o território com maior número de ruas, travessas e, inclusive, bairros (bairro do Camambá e bairro Baixada do Canal), dispõe de

internet de fibra ótica, restaurantes e lanchonetes, prestação de serviços de transporte com tração animal, tração humana, até mesmo uma espécie de banco de crédito para turistas em apereio financeiro: o Tico Tico Bank.



Figura 11 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

O Tico Tico Bank foi uma maneira criativa de moradores obterem renda ao explorar o fato de Algodual não ter caixas eletrônicos. O que demonstra uma adaptação cultural ao estilo da localidade, com bom humor na escolha das nomenclaturas, uma negociação que misturou o termo inglês “bank” com o termo popular Tico Tico; igual fenômeno é verificado na identificação das icônicas charretes de Algodual, que recebem nomes de automóveis famosos.

A “sombra” de Algodual é muito forte em Maiandeuá para o bem e para o mal, tanto por atrair turistas, quanto por concentrar os melhores investimentos públicos para seu território.

Bom, pelo que eu conheço e já observo de Maiandeuá, é que a maioria dos projetos voltados à questão da..., a questão

de projetos culturais, projetos sociais, enfim, todo o contexto de projetos que possam vir pra ilha, é beneficiado pra Maíandeuá no geral, mas só fica Algodóal com os proventos, ou seja, tudo que é voltado para alguma ação em Maíandeuá, a maioria dos projetos, ficam somente pra Algodóal, então isso acaba posicionando o povo a não querer certas atividades com Algodóal, então preferem é, é, é, preferem e lutam pra que isso acabe, que Maíandeuá seja única, e Algodóal uma outra história.

Nota-se na fala do morador Poeta um tom queixoso que ilustra a tensão com que me deparei em alguns momentos, em especial, na fala de moradores de Fortalezinha e Camboinha.

Claramente, a tensão está relacionada aos desdobramentos do turismo e todo o cosmo que deriva dessa área, tais como, visibilidade, investimentos estatais, infraestrutura, fluxo turístico.

CAPÍTULO 1: MALHA DE SABERES

1.1 DA DIFICULDADE METODOLÓGICA

Maiandeuá possui alguns epítetos interessantes, que contribuem para alimentar uma aura mítica sobre a experiência de visitá-la. Cito dois: ilha da magia e ilha do amor. As origens e datas em que fora alcunhada são desconhecidas. A julgar pela incidência em outros pontos turísticos Brasil afora, não caminharei longe da fonte, se pontar uma origem exógena: o turista.

Um exemplo claro é Florianópolis, também chamada de ilha da magia. Segundo o portal Unil:

Agora que você já sabe que de fato Floripa é uma Ilha, deve estar se perguntando o porquê do apelido “Ilha da Magia”. O nome instigante dado à capital catarinense faz jus ao que ela mostra a quem a visita. De fato, o misticismo está presente no ar da cidade e dos manezinhos, que são os moradores nativos.

Em um primeiro momento, Floripa é um lugar com belezas que agradam aos olhos e até os menos sensibilizados se apaixonam. A magia é tanta que grande parte de quem mora diz que veio somente para visitar, mas acabou fascinado e a escolheu como lugar para viver.

Em segundo lugar, a Ilha da Magia possui um rico folclore que é difundido pelos nativos, antigos pescadores e seus descendentes. A figura lendária mais famosa são as bruxas. Contam as lendas que elas de fato existiram e foram acolhidas na Ilha para não serem mortas da Inquisição em Portugal e foram elas as responsáveis por espalhar encantos e feitiços (UNIL, 2022)

O texto do site UNIL nos apresenta as razões pelas quais Florianópolis recebe a alcunha de Ilha da Magia: misticismo, belezas naturais pictóricas, folclore, lendas, e transmissão de saberes pela oralidade. Em todos esses

aspectos, Maiandeuá porta semelhanças com Florianópolis – Não é raro que muitos turistas catarinenses frequentem Maiandeuá; o que deixa margem para especular que houve uma adaptação do epíteto citado para aplicação à Maiandeuá (originário da interculturalidade com turistas de Florianópolis ou outro).

Outro epíteto de Maiandeuá, Ilha do Amor, pode ter origem no famoso mito da Ilha dos Amores, descrita por Luís Vaz de Camões, Canto IX e X de Os Lusíadas. Porém, é mais provável que tenha relação com a presença forte do estilo musical reggae, gênero característico de São Luís do Maranhão, também cognominada de Ilha do Amor. E a razão pela qual São Luís recebeu esse epíteto (além as alusões ao mito em Os Lusíadas, e à Jamaica) é indicada – de forma irônica – pelo escritor José Sarney em um artigo reproduzido na página da Academia Brasileira de Letras:

Essa expressão de “São Luís, Ilha do Amor” é recente. Nasceu há alguns anos, criada por algum medíocre marqueteiro, naturalmente para incentivar o turismo. Um pouco como o meu saudoso amigo Moacyr Neves, quando disse que seu hotel era “Casa da Fertilidade” e que todo casal que ali se hospedasse em lua de mel podia esperar receber em nove meses o primeiro membro da nova família. E, assim, Ilha do Amor devia ser o Hotel do Amor do Moacyr. (SARNEY, 2015).

Nos casos de Florianópolis, São Luís do Maranhão e Maiandeuá, os epítetos colaboram para realçar uma aura mística, de experiência única, e que resulta em maior fluxo de turistas. O que não significa que tais traços identitários foram criados a partir de ações de campanha de marketing. Na realidade, trata-se de um longo contexto social gerado a partir da interculturalidade com diversas culturas; a nativa e dos turistas que passaram pela ilha.

O surgimento de epítetos que remetem ao mítico, decorrem da percepção de que é um espaço onde o imaginário é um fato social, e influencia a identidade cultural local. Maiandeuá é um local onde temos a sensação de que todos os mitos encontraram morada. E quando falo todos, envolve até os mais inusitados

da mitologia paraense, como o mito do Ataíde, comumente, ligado aos manguezais de Bragança-PA. Escutei relatos por parte de moradores sobre aparecimentos do Ataíde em mangues da Vila de Fortalezinha.

A região Amazônica é portadora de um imaginário caro e diversificado, fruto de uma ancestralidade que remete a povos originários e afro-originários, povos que sempre tiveram forte alicerce cultural na história oral, na memória e na narrativa. Comunidades amazônicas, principalmente as afastadas dos grandes centros, costumam preservar esses traços culturais.

Maiandeuá é um dos muitos espaços-lugar da Amazônia onde os saberes populares, muitas vezes, impõem-se ou alternam em relevância para os moradores. Há toda uma mitopoética que explica a (irr)realidade local, os usos e costumes. Uma tradição que, a presente pesquisa se debruça para analisar, sofre o impacto da necessidade de ter de se adaptar para “agradar”, “familiarizar”, “fidelizar” as massas turísticas, com o intuito de gerar renda para a economia local.

Após várias tentativas de encaixar este trabalho a diversas metodologias, pareceu-me que nem uma se apresentava adequada, e capaz de abranger satisfatoriamente esse saber oral, memorial e narrativo que encontrei em Maiandeuá.

1.2 MALHA DE SABERES; METODOLOGIA DIALÓGICA

Tive acesso a metodologia intitulada Malha de Saberes, de elaboração do COLINS⁵, ao receber a leitura de um artigo intitulado *Malha de Saberes: Memórias, Narrativa e História Oral na produção e Transmissão do Conhecimento*. Analisei-o e compreendi que tal metodologia condizia com os objetivos a serem alcançados pela pesquisa em Algodal e Fortalezinha. Um trecho:

⁵ Colaboratório de Interculturalidades, Inclusão de Saberes e Inovação Social; grupos de estudos, pesquisas e ações ligado ao Programa de Pós-graduação de Estudos Antrópicos da Amazônia (PPGEAA), da UFPA-Castanhal.

A Malha de Saberes é uma tecnologia social, elaborada pelo COLINS, que imiscui no discurso científico o saber da tradição oral, em perspectiva de diálogo e inclusão de saberes. O nome do instrumento metodológico advém da metáfora com o instrumento por natureza dos pescadores artesanais do litoral amazônico, sendo uma justa homenagem à construção de saberes de modo artesanal, feito com as "mãos", as vozes e os corpos, assim como se dá o trabalho de tecer as redes de pesca, as malhas ou malhadeiras para fisgar o pescado. (FERNANDES et al., 2021, p.296)

A Malha de Saberes é uma metodologia completa e suficiente para pautar a análise da pesquisa sobre as adaptações culturais em Algodual e Fortalezinha., além de ser a mais adequada, devido Maiandeuá ser formada por vilas onde a oralidade é um forte traço cultural. O corpus do artigo apresenta a Malha de Saberes como um instrumento metodológico, mas a meu ver, trata-se de uma proposta de metodologia completa, pois agrega em si, metodologias como a pesquisa de campo, etnografia, análise do discurso, pesquisa bibliográfica; exatamente, as áreas do conhecimento que são necessárias para avaliar a hipótese inicial do presente trabalho.

O aspecto interdisciplinar faz-se necessário, posto que a Malha de Saberes é por natureza um instrumento de configuração da antropização e esta é condição humana de promoção da cultura, enquanto sedentarização dos grupos sociais: a sedentarização da existência humana gera o acúmulo e transmissão de conhecimentos e tradição de povos locais, construindo-se, com isso, a necessidade de linguagem, esta como símbolos armazenadores de conhecimentos (disciplinas) necessários ao registro de saberes e a sua transmissão imediata e/ou intergeracional. (FERNANDES et al., 2021, p.296).

Amazônia, Pará, Maiandeuá, são culturas em convivência e interação, ou seja, é fundamental um olhar intercultural e interdisciplinar, capaz, sobretudo, de considerar o narrador local, a comunidade, os saberes que ali já existiam e

resistiam muito antes da chegada do pesquisador. Como afirma Fernandes et al.:

O que se destaca neste modelo de diálogo de saberes é que olhar e ver para o pescador artesanal experiente tem diferenças, pois simplesmente olhar a natureza, sem senti-la, incorporá-la e tornar-se parte dela, sem uma visão profunda do que existe imerso na sua biodiversidade, não é um processo de aprendizado, o que só é alcançado com uma visão privilegiada e dominante do espaço. Para isso, é necessário um profundo aprendizado dos saberes locais que perpassa pelos fatores interculturais, [...]. (FERNANDES et al., 2021, p.302).

Ao longo dos vários deslocamentos à Algodoal/Fortalezinha, deparei-me com narradores locais que, além de me socializarem seus conhecimentos de mundo, constituíram o grande acervo sobre a história da ilha. Maiandeua não dispõe *in loco* de largo e profundo registro bibliográfico sobre suas origens; em minhas viagens, descobri apenas um morador (sem formação acadêmica) que se encarregava de guardar material impresso que citava Maiandeua em documentos oficiais dos governos estadual e federal.

Todas as informações de caráter mais técnico que utilizei sobre a mitopoética, malha social, tradições e costumes, cenário cultural, e outros, foram retiradas de sites e dos trabalhos acadêmicos mencionados em capítulo anterior. E todos beberam da fonte da oralidade, por intermédio de entrevistas ou o simples ato de prostrar com narradores locais.

A Malha de Saberes apresenta a seguinte estrutura: O Tema, como linha inicial, e quatro colunas – Narrador, Fragmentos da Narrativa; Citações Científicas e Referências bibliográficas.

Pautar o presente trabalho pela Malha de Saberes é, inicialmente, um passo ousado, e quer queira ou não, lança base para que mais pesquisadores adiram. A produção do conhecimento não é estanque (pelo menos não deveria ser), com a repetição de metodologias que, se cabem em um objeto, não cabem em outro. A metodologia desenvolvida pelo COLINS foi pensada para aplicação

em lugares de interculturalidade, espaços de silenciamento onde a oralidade resiste bravamente como bastião da memória e da história.

Para ilustrar a força da memória, da narrativa oral e do saber local como fio condutor da história local, o morador Liderança, durante diálogo comigo, relembrou como era a Vila de Fortalezinha à época de sua chegada, há duas décadas:

Aquí é início, isso aquí era pouca, pouca, pouca, pouca, pouca gente aquí. De uns cinco anos pra cá é que... Não tinha ninguém quase aquí. Ontem, eu tava contando um pouco da história de 20 anos, quando eu cheguei aquí, só tinha essa rua aquí, só! Eu dava a volta. Eu tenho terreno lá..., já é praticamente a penúltima casa minha lá, e eu vinha por lá, senão tinha que passar pelos quintal [...] Tinha casa aquí, mas bem, porque não tinha rua, né? A gente passava pelo..., por dentro dos quintal dos outros. E eu pra evitar isso, eu vinha por lá..., passar... Só tinha essa rua aquí, e agora, desenvolveu de repente, por causa das pousadas que tão vindo, da estrada, apesar de que a estrada tá bem recente, mas o projeto já existia, né? Que vinham fazer, vinham fazer, e aí começou a crescer, tá?

Uma metodologia que não tivesse a sensibilidade de considerar as subjetividades do entrevistado, poderia facilmente se ater a informação de que há 20 anos havia uma única rua em Fortalezinha, poucos moradores, poucas casas, e que devido ao projeto da estrada (PA-430), o desenvolvimento chegou, com o advento de inúmeras pousadas – e quanta riqueza de sentidos e saberes se perderia com uma análise dos dados manifestadamente importantes para o entrevistado?

A despeito de uma construção do conhecimento de forma sensível e colaborativa entre pesquisador e entrevistado/ entrevistado/morador/nativo, entre o diálogo de saberes e a formalidade científica, Fernandes et al. destaca:

Assim, a história oral enquanto método é pertinente ao instrumento, posto que se configura como discurso dialógico, e mais, um gênero discursivo moldado por várias vozes e suporte narrativo e histórico, com o entrevistado tendo a autoridade e a consciência de narrador, em que o conhecimento inicia-se na oralidade deste e conclui-se na escritura do historiador (PORTELLI, 2001): há a prevalência da forma narrativa, no limiar entre biografia e história, entre experiência individual e as transformações da sociedade. (FERNANDES ET AL., 2021, 295)

A partir dos pressupostos lançados no trecho acima, chamo a atenção para um item na fala do Liderança: o quintal. Enquanto narra sobre esse período de 20 anos, Liderança insiste que, pela ausência de demarcação espacial de ruas e travessas, o morador precisava passar pelos quintais dos vizinhos. Liderança destaca que ele evitava passar por quintas alheios – qual motivo? Um ralho de algum morador mais enfezado? Fato é que a ausência de quintais com suas cercas ou muros (como se vê hoje em dia em Fortalezinha) falava também sobre uma vida em comunidade, mais integrada, e sem os receios que levam um proprietário a proteger seu bem com um quintal bem definido. Para passar, passava-se pelos quintais dos outros. Veio então a estrada (estruturalmente, um elemento delimitador), vieram as pousadas (um turista está propenso a se sentir mais seguro em um local devidamente cercado?), vieram os turistas, veio a necessidade do morador se sentir seguro em meio as enxurradas de rostos desconhecidos a cada verão, vieram novas ruas, abriram-se travessas, aumentou o número de moradores, veio um novo tempo sem tantas misturas de quintais, e, como consequência, um distanciamento entre as pessoas (?), o mesmo distanciamento que nós, cidadãos, experimentamos com nossos quintais bem amuralhados (?). Escutei de muitos moradores que nem todo mudo se conhece mais como antes...

Um segundo exemplo é o morador Pescador da Margem, que indagado acerca de sua escolaridade, apresentou seu conhecimento nos seguintes termos: [...] *criado assim, né? Mas graças a Deus, bem vivido. Eu andava muito pelo mundo e aprendi muita coisa.*

\Como desconsiderar o que o mundo e as andanças ensinaram para o Pescador da Margem, ainda mais, o próprio demonstrando orgulho de sua bagagem de vida? São 78 anos de saberes adquiridos e transmitidos, em sua grande parte, pela oralidade, pelo gesto da escuta, da fala, do diálogo de saberes.

Se em um primeiro momento, o COLINS não se posiciona como produtor de uma metodologia completa e suficiente, parece-me mais por razões alheias ao método em si, quiçá, melindres com a recepção e reverberação, ainda mais, considerando-se um certo engessamento para o novo que um método já aplicado em longa escala gera como efeito colateral.

Por intermédio da Malha de Saberes, busco respeitar os saberes locais das vilas de Algodoal e Fortalezinha, seus moradores e suas tradições. Neste caso, o melhor respeito é o fazer constar a fala do morador não apenas como objeto de análise, mas como parte construtiva e ativa do conhecimento acerca das adaptações culturais que a ilha, porventura, apresente.

1.3. DISCUSSÕES, DIGRESSÕES, E ANÁLISES INICIAIS SOBRE ALGODOAL E FORTALEZINHA

Relatos de moradores das vilas de Camboinha, Mocoóca e Fortalezinha, demonstraram desconforto com as mudanças socio-infraestruturacionais de Algodoal; argumentam que o progresso em Algodoal causa um auto desfiguramento identitário de Algodoal e das relações culturais entre as vilas. Escutei de um morador da Vila de Camboinha que o turismo provocara inclusive uma marginalização social, pois vários moradores de Algodoal passaram a considerar os moradores de Camboinha como inferiores intelectualmente. O morador Historiador me fez a seguinte observação recheada de ironia: *Em Algodoal, um bom dia custa dez reais*. O Historiador afirmou conhecer (por intermédio de registros orais) as origens e povoamento de Maiandeuá, informou que os primeiros moradores se espalharam pela ilha a partir do núcleo

conhecido como Vila Nazaré⁶, um lugarejo no centro de Maiandeuá. O Historiador é natural da ilha, não é historiador de titulação acadêmica, mas por seu interesse na história de Maiandeuá, e sua forma eloquente de narrar as memórias coletivas da ilha, possui reconhecimento popular como um historiador.

A rede de hotelaria em Algodual oferece as melhores acomodações da ilha. Os estabelecimentos se dividem entre terrenos para montagem de barracas, pousadas de pequeno porte e de médio porte. As pousadas de médio porte têm divulgação permanente em sites de turismo e Instagram empresarial. Destaco que a rede de divulgação dos atrativos de Algodual dispõe de vários canais no Instagram e Facebook, alguns com milhares de seguidores. Iniciativas dos próprios hoteleiros ou de outros moradores da ilha, como a Barraca do Coco, que fica situada na Praia da Princesa.

A lenda da Princesa (que empresta nome à praia e ao lago) é uma das mais difundidas na ilha, e de compartilhamento das quatro vilas. Será um significativo objeto de análise.

A constatação de melhores condições de acomodações em Algodual é visível, mas a história que mais me impressionou quanto a busca por mais comodidade para os turistas, escutei em Fortalezinha, pela boca do morador Conterrâneo⁷:

Foi, aconteceu. Aquele hotel novo, um hotelzão que tão fazendo na parte de Mocoóca. Trouxeram uma piscinona e atravessaram do 40 pra cá. Atravessaram boiando, teve gente que veio até dentro. Bronca foi na hora de carregar, precisou duns 16 homens pra levar da prainha pro terreno do hotel.

Enquanto Conterrâneo narrava sobre a peripécia da piscina gigante carregada nas costas de 20 trabalhadores, eu e um turista, assentado ao meu lado, estávamos boquiabertos com a cena. A piscina não é um objeto típico de Maiandeuá, que aparente ter alguma utilidade cultural para um local com rios, igarapés, e banho de mar em abundância. Com tanta riqueza aquática, quem requereria uma piscina? Ora, quem! A inclinação de muitos turistas em urbanizar

⁶ Atualmente, um grupo de moradores está empenhado em repovoar e reestruturar a Vila de Nazaré.

⁷ Ave comum da fauna maiandeuense

a natureza e moldar (conscientemente ou inconscientemente) o mundo aos seus interesses. As pousadas mais procuradas são exatamente as que oferecem piscina – e são também as que tem diárias mais encarecidas.

As mudanças na infraestrutura, acentuadamente, em Algodoal, e acompanhada de perto por Fortalezinha, representa uma transformação para o meio de sobrevivência local: a cultura da pesca e da cede agricultura familiar espaço para a área da prestação de serviços. Lisboa aponta nessa direção, vejamos:

“A consequência dessa alteração, modifica quase totalmente os antigos modos de produção de subsistência como a pesca e a pequena agricultura, agora, transmutados pela nova economia capitalista do turismo”, (LISBOA, 2016)

Apesar de o turismo de massa ser imperioso em ambas as vilas, a cultura da pesca ainda possui bastiões em Algodoal e Fortalezinha. Durante a pesquisa, conversamos com pescadores, que demonstraram orgulho da profissão, e, como bons pescadores, tinham ricas histórias sobre a atividade pesqueiras e sobre o imaginário popular de Maiandeua. A todo o tempo, o morador Pescada esclarecia que o foco de sua atividade era a revenda da grude⁸:

A gente sai pra pescar a grude [...]. O povo tem pescado mais grude mesmo. Esse povo de fora compra, então é mais quem quer, né. Eu tenho dois barcos e tô pensando em comprar um motor pra mais um, um barco pra trilha desse pessoal que visita Algodoal [...].

⁸ Bexiga natatória de algumas espécies de peixes, no caso de Maiandeua, extraída da pescada-amarela.



Figura 14 Acervo de Franciorlis Freitas Viana



Figura 13 Acervo de Franciorlis Freitas Viana



Figura 12 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

A grude desperta grande interesse do mercado oriental, em especial, o chinês, que paga alto pelo produto. Após o aumento da procura internacional pela grude, a pesca de subsistência começou a ceder espaço para a modalidade de pesca para importação. Apesar da compensação monetária da grude, segundo o Pescada, os jovens da ilha não manifestam disposição em dar continuidade a atividade pesqueira dos pais e avós.

Os indicativos auferidos durante o trabalho de campo, que perdurou entre 2020 e 2023, mostraram-me que minha passagem, e a de todos os turistas, nunca foi incólume para as culturas de Algodual e Fortalezinha. Nós, turistas, com as possibilidades econômicas que trazemos para a ilha, acabamos, numa relação de partida e contrapartida, provocando reações no ambiente sociocultural. Resta discutir, e discutiremos capítulo a capítulo, se tais reações provocaram adaptações culturais.

Acerca de alguns efeitos colaterais da passagem de turistas por Algodual, Poeta se queixou:

“[...] É uma doença isso, sabe. Os jovens da ilha tão perdendo o jeito paraense de falar. Paraense tem disso, esse afrancesado, o bico no fim das frases. Mas a juventude da ilha, principalmente, de Algodual, tá tudo falando como essa moçada que vem de fora, falam tudo com gíria de carioca, de paulista, vão aprendendo, sabe”.

O carioca, o paulista, o goiano, o pernambucano, o paraense, o norte-americano, o francês, ou seja, os turistas que passam pela ilha durante os altos veraneios e interagem com os moradores talvez nem saibam, sintam os efeitos da interculturalidade produzida por suas passagens. Para a maioria dos turistas, Algodual e Fortalezinha portam imagens estáticas de lugares rústicos, pitorescos e intocados pelo progresso e modernidade. Que ironia! O turista que vai a localidades “paradisíacas” para se esconder do modo de vida urbano, acaba deixando marcas urbanas. Cabe uma indagação direcionada ao exógeno, ao estrangeiro, à nós, turistas, expressada como uma digressão: será que vamos a locais turísticos como Maiandeuá para experimentarmos a realidade autóctone, ou vamos atrás da emulação de um estilo de vida que temos na cidade? A resposta é facilmente extraída dos milhares de comentários publicados em sites

de avaliação de hotéis e pousadas. Destaco duas que chamam a atenção, estão nos sites Tripadvisor e Booking, famosos por indicações sobre a hotelaria brasileira. O comentário 1 é dirigido a uma das pousadas de Algodual, e o comentário 2, a uma das pousadas de Fortalezinha:

1

O que falta é infraestrutura!

Estive acompanhado em julho de 2014 e retornei para o réveillon deste ano e... Continua na mesma! Em que se pesem localização central na cidade; fácil acesso às praias; café da manhã simples, porém bom; e atendimento agradável, os chalés apresentam problemas graves de infraestrutura, como: instalações hidrossanitárias com problemas (torneira e chuveiro); colchão e travesseiros da cama antigos e deformados (provável existência de ácaros); aparelho de ar condicionado (tipo: de janela) com ruído excessivo; má vedação de portas, janelas e forro de teto, permitindo o acesso de insetos (formigas, mosquitos, etc.) e rãs. Concordo que a ilha de Maiandeuá (conhecida como Algodual) é um lugar bucólico e que possui a natureza como "carro-chefe". Contudo, há pequenos tópicos tipicamente urbanos (e que relacionei acima) que não podem deixar de ter em um hotel/pousada deste século. Até porque, os preços que vêm sendo cobrados pela hospedagem, nos últimos anos, exigem isso!. (ELSON_PA, 2017).

2

A experiência foi bastante decepcionante. O lugar é bonito e passa a ideia de que você vai ter uma excelente experiência em contato com a natureza. Mas, aconteceram situações bastante desagradáveis: casa suja, sem os utensílios descritos aqui no booking (não tinha geladeira, o fogão em estado bastante precário e sem louça ou panelas suficientes para quatro pessoas), sem água. Quando tentamos falar com o responsável no local para ver se podia resolver problemas que encontramos na casa, ele foi extremamente grosseiro e desrespeitoso. Entendemos que se trata de uma ilha e que eventuais problemas podem acontecer. No entanto, esperávamos uma estadia tranquila, em que pudéssemos relaxar e curtir o que se prega na vila: vida off. Não foi assim. Foi tenso. Fomos tratados como

turistas "chatos" pelo dono do local, que não queria ser incomodado por nossas "reclamações". O discurso é de que se trata de um espaço acolhedor, uma ecovila, em que é possível utilizar todos os espaços da área, compartilhar cozinha e utensílios, mas, quando precisamos, não nos foi permitido o uso. Enfim, se não se quer transformar o lugar num espaço comercial, vendendo uma ideia que não condiz com a realidade, melhor não anunciá-lo dessa forma. (WANESSA, 2023)

É interessante perceber como o turista do comentário 1 reconhece que Algodual é um local “bucólico”, para em seguida exigir adequações a tópicos tipicamente urbanos. Em miúdos, o turista desejava se aventurar na natureza da ilha sem perder o conforto da cidade. Tudo bem se arriscar nas trilhas e furos de Maiandeua, desde que se possa regressar para um quarto bem refrigerado, sem formigas, baratas e muriçocas. Muitos turistas desejam aproveitar a “natureza controlada”, e se irritam com os reveses. Essa afirmação encontra respaldo no comentário 2, no qual o casal de turistas confunde natureza com o estabelecimento onde se hospedaram; iniciam o texto discorrendo sobre a expectativa de ter uma “experiência de contato com a natureza” para em seguida manifestar reclamações sobre as acomodações, e o tratamento “indócil” do proprietário. Como se diz, o que alhos tem a ver com bugalhos? A pousada poderia ter disponibilizado péssimas acomodações, e ainda assim, o contato com a natureza ter sido espetacular, pois a pousada é uma antropização, não é a natureza.

Uma das maiores reclamações de turistas com Maiandeua é o acesso à internet (claro, pois a vida só vale a pena se for instagramável?!)

Disse Bauman: “Na era da informação, a invisibilidade é equivalente à morte” (BAUMAN, 2008). Para saciar a fome de conexão virtual dos turistas, o poder público tem realizado investimentos em infraestrutura e melhorado a banda larga de pousadas e hotéis.

Em Algodual, a exigência de uma boa provisão de internet não é novidade, por se tratar de uma vila cosmopolita. A novidade é que tal exigência modificou vilas mais adeptas à rusticidade. É o caso de Fortalezinha. Em 2022, uma empresa denominada INNET efetuou cambiamento em Fortalezinha, com a pretensão de estender a banda larga para toda a ínsula. Conforme noticiado pelo

jornalista Icaro Gomes: “A ideia é atender com sinal ágil de internet diversas vilas na região praiana de Maracanã” (GOMES, 2022)

Dou a mão à palmatória, nas inúmeras idas à Algodual para lazer, senti falta de uma internet de boa qualidade, aproveitei as belezas naturais da vila, e me senti em casa no quarto da pousada, devidamente refrigerado. Até que uma ficha caiu sobre o quanto eu estava contribuindo para modificar a realidade local, fui apenas um turista com dinheiro no bolso, razão em tudo, exigências urbanas e uma cidade me esperando no regresso de um isolamento idílico. Necessitei confrontar o “pálido ponto azul”⁹ para enxergar Maiandeuá como uma comunidade com identidade própria, e que não estava ali para satisfazer meus desejos consumistas.

Na condição de consumidor, o turista é um ator influente de cenários como Algodual e Fortalezinha, onde moradores também são prestadores de serviços, e muitas vezes, um imóvel tem funcionalidade ambivalente: é uma residência familiar, ao mesmo tempo, é uma pousada, uma lanchonete, um bar. Para o turista desprovido de conscientização sobre as mudanças que provoca, tudo vira um *shopping center*. Nesse cenário, a cultura não é um sistema de produção e reprodução de saberes, é um mero negócio. E por mais que garanta a subsistência do morador, será que há uma clareza de ganho e perda resultante das interações? É importante que ambas as partes – morador e turista – tenham em mente o que está na mesa em uma adaptação da cultura do local, mesmo que envolva mútuos benefícios e satisfações.

Ainda me dirigindo para o turista: em uma viagem de férias, por exemplo, paramos para escutar, conhecer e empatizar com a comunidade local? Sabemos mais do que o nome (quando sabemos) do condutor de charrete que nos leva do trapiche para o centro da Vila de Algodual? Se por um momento, os moradores comesçassem a compartilhar sobre a precariedade da saúde local, sobre os serviços deficientes prestados pelo Poder Público, sobre os golpes aplicados por

⁹ Há trinta anos, uma foto entrou para a história da astronomia. Ficou conhecida como a imagem do “Pálido ponto azul”. A sonda Voyager 1 cumprira sua missão e estava prestes a seguir para um caminho interestelar, para economizar energia, teria seu sistema de câmeras desligados. Os cientistas Carl Sagan e Carolyn Porco convenceram os diretores da NASA que a sonda registrasse o sistema solar antes do desligamento. O resultado foi uma foto que mostra o planeta terra como um pontinho azul em meio a um raio solar. Sagan escreveu um texto sobre a imagem que intitulou de o “Pálido ponto azul”. Serve bem como analogia para autocompreensão do papel humano.

ONG ao longo do tempo, sobre as modificações culturais, sobre os sonhos dos jovens, sobre as agruras dos idosos ante as celeridades de um mundo que muda com voracidade, será que isto não estragaria nosso final de semana na praia? Não nos pareceria maçante e inconveniente? Dos prestadores de serviço, esperamos somente um serviço eficiente e, por obséquio, um sorriso no rosto.

Do outro lado, há o morador, que enxerga a atividade turística como importante e necessária para desenvolvimento de sua localidade, para melhoria de vida, e, claro, para sustento de sua família. Para garantir a fidelização do turista, o morador empreende algumas estratégias que podem ocasionar adaptações da cultura local. Geralmente, essas adaptações ocorrem sem percepção de ocorrência, de consequências para a identidade cultural de uma localidade, o ganho e a perda, o peso no fiel da balança.

É complexo falar de medida de importância de uma adaptação cultural; penso que cabe ao próprio morador a palavra final. Pois, uma adaptação que um estrangeiro considere uma grande perda, pode não representar a mesma dimensão para um nativo. Procurarei relatar, em especial, no capítulo de análise dos objetos, as adaptações identificadas durante a pesquisa de campo, mas levando em consideração sempre a colaboração dos moradores que contribuíram para a versão final deste trabalho, com a memória, com a narrativa oral, com o tempo dedicado a dialogar com este pesquisador.

Cabe destacar que a escolha dos entrevistados, principalmente, de Algodoal e Fortalezinha, e alguns de Camboinha e Mocoóca, teve como alvo o seguinte perfil: natural ou morador da comunidade há pelo menos cinco anos; representantes de áreas sensíveis das localidades de Algodoal e Fortalezinha: área da pesca, área das artes; área da produção cultural; área da educação; área da hotelaria; área de liderança popular; narradores eloquentes da história local; critérios indicados na Malha de Saberes:

(NARRADOR: é o protagonista da voz narrativa, isto é, do saber da tradição oral [...]) A escolha do narrador se dá segundo o reconhecimento, por seus pares, de ser ele o portador mais fidedigno do saber coletivo perquirido, com experiência na prática e/ou manifestação da cultura local, e com destreza oratória para ser o porta-voz da comunidade. (FERNANDES et al., 2021, p.297)

O fato de seu ser escritor abriu caminho para acesso aos artistas de Algodual, por intermédio dos quais, recebi indicações de outros moradores das áreas acima citadas, especialmente, de Fortalezinha. Como a rede dos pescadores, fui fisgando moradores com potencial para se encaixar nas indicações da Malha de Saberes. Obtive êxito graças também aos meios digitais, pois agendei com os entrevistados, troquei diálogos quebra-gelo, diálogo de saberes, e dirimi muitas dúvidas de modo virtual. Poupano tempo e dinheiro... Maiandeuva deve ser um dos campos de pesquisa com maior custo econômico para um pobre pesquisador sem bolsa!

Tomei a decisão de não identificar os entrevistados, em face de alguns terem me verbalizado que preferiam que seus nomes não fossem informados no texto final da pesquisa por razões que variaram: timidez, preocupação com seus pares, citação de assuntos delicados em ocorrência na vila, outros. Optei por ser simétricos com todos e manter seus dados apenas nas autorizações, coleta de dados etc. Identifico-os com palavras que remetem às atividades, pautas ou assuntos que me marcaram durante o diálogo de saberes.

Meu trabalho faz apontamentos, indicações, exposições, análises, digressões, ilustrações, em algum ponto, comparações, inevitavelmente, algum juízo de valor escapará, com bases nos dados auferidos na pesquisa, e meu ponto de vista servirá também como o olhar estrangeiro, do turista baumaniano, recém-consciente dos efeitos de sua passagem por localidades como Fortalezinha e Algodual.

1.4 TURISTA E VAGABUNDO

Destacarei um olhar sociológico acerca da relação entre o turista e o morador; não esqueçamos que nessa relação capitalismo e consumismo são assuntos sempre presentes, ainda mais no contexto do turismo de massa:

Atendendo a sua própria lógica, o capital se reproduz na sociedade do lazer, circula e se acumula no âmbito do negócio do turismo, onde o lazer se transforma em mercadoria de

compra e venda, no negócio das denominadas mercadorias imateriais. O turismo faz parte de uma satisfação de necessidades humanas de lazer, negócios, cultura, e, portanto, está ligado aos meios de produção, (BRAMBATTI, 2017)

O texto de Brambatti aponta para a mercadorização do lazer. Essa afirmação nos soa incômoda, pois toda vez que ligamos o nosso carro, ou pegamos o coletivo, a van, o táxi lotação, em direção a um ponto turístico, fixamos a mente nas descobertas, nas aventuras, nos elementos exóticos, nas experiências que registraremos nas redes sociais, contabilizamos os gastos com hotel, alimentação etc., mas até este ponto não enxergamos o consumismo. Ao aportarmos no local que pagamos, ou pagaremos em várias prestações, deparamo-nos com um mundo de ofertas irrecusáveis: o souvenir, a blusa regional, o prato típico, o chapéu panamá, a trilha agendada, o passeio pelo rio, o artesanato com hieróglifos indígenas, e outras lembrancinhas para nossas estantes ou para presentear amigos. O mercado nos envolve em uma constrição de boiúna. Anteriormente à pesquisa, o eu que transitou por Algodual e Fortalezinha, em inúmeros veraneios, era um consumidor, um turista, em busca de emoção, nada atento às necessidades dos moradores, que tão bem me serviam. Via-os e não os enxergava. Você também?

Não devemos enxergar o morador como uma vítima indefesa do processo. As adaptações culturais ocorrem dentro de um contexto de múltiplos interesses. O morador é a parte mais vulnerável do processo, contudo, dispõe de estratégias para não ser reles expectador. A própria adaptação cultural é uma dessas estratégias, baseia-se em uma concessão que, por um lado, é perda, por outro, é ganho, pois enreda o turista no tecido de encantamentos e belezas locais, por conseguinte, aumenta

Retomarei a queixa do Professor sobre a adaptação do linguajar dos jovens. Um primeiro olhar dirá que os jovens estão desfigurando a identidade verbal de Algodual e de Fortalezinha – não deixa de ser, em alguma medida –, mas com essa adaptação de fala, o morador transmite a sensação de familiaridade para o turista; uma sutileza que pode gerar empatia, simpatia e uma boa gorjeta.

Nosso foco será a verificação dessas intercorrências na cultura das vilas de Algodal e Fortalezinha– mitos, lendas, artesanato, música, outros –, que levam a adaptações de narrativas míticas e artísticas.

Intercorrências como fenômenos da relação intercultural de turistas e moradores, sob as perspectivas da metodologia Malha de Saberes, do COLINS, em diálogo com os estudos culturais de Néstor García Canclini, com dissertações e teses que tratem sobre o cenário de Algodal e Fortalezinha, e, mormente, com os pensamentos de Zygmunt Bauman, presentes em *O Mal-estar da pós-modernidade*.

Em muitos trechos deste trabalho, o estrangeiro será chamado de “turista” e o morador de “vagabundo”. A opção por essas terminologias baumanianas é decorrente da percepção de que se adequam bem ao propósito deste trabalho, por toda a carga semântica, sociológica, filosófica e antropológica que Bauman trouxe ao discorrer sobre o assunto

Causa impacto, especialmente, o uso do termo vagabundo. Senso comum, vagabundo é alguém sem ocupação e despreocupado com as responsabilidades da vida. Bauman utilizará um significado profundo e existencial. Para o sociólogo polonês, vagabundo é alguém que “vaga” perante um sistema de consumo que apresenta ofertas inacessíveis. Acerca da angústia do vagabundo – em paralelo com o turista –, diz Bauman: “Os turistas viajam porque *querem*; os vagabundos, porque não tem *nenhuma outra escolha*” (BAUMAN, 1998).

O vagabundo é um alter ego do turista. O vagabundo deseja o “mundo perfeito” do turista, mas não dispõe de condições econômicas e culturais para tal, ao passo que o turista enxerga no vagabundo a imagem de si, caso fracasse em sua jornada. Na fonte, diz Bauman:

“Mas o vagabundo é o alter ego do turista – exatamente como o miserável é o alter ego do rico, o selvagem o alter ego do civilizado, ou o estrangeiro o alter ego do nativo. Ser um alter ego significa servir como depósito de entulho dentro do qual todas as premonições inefáveis, os medos inexpressos, as culpas e autocensuras secretas, demasiadamente terríveis para serem lembrados, se despejam; ser um alter ego significa servir como pública exposição do mais íntimo privado, como um

demônio interior ser publicamente exorcizado, uma efígie em que tudo o que não pode ser suprimido pode ser queimado. O alter ego é o escuro e o sinistro fundo contra o qual o eu purificado pode brilhar”, (BAUMAN, 1998)

Seja franco na resposta que farei ao final deste parágrafo. Ao aportar em Algodual, é um charme contratar os serviços dos charreteiros para conduzir você à pousada, às vezes, nem é devido ao peso da bagagem, e sim, para registrar e postar no Instagram, marcar os amigos, informar ao mundo que você é, em dito popular, “diferente dos iguais”, não é? Não fique constrangido, postei muitas fotos de Algodual em minhas redes sociais com essa finalidade.

Em entrevista ao site do El País, Bauman alertou: “As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha” (BAUMAN, 2016).

Você e eu visitamos locais turísticos com a sensação de que estamos em um paraíso, e todos estão ali para nos servir – estamos pagando, e temos o direito ao melhor tratamento, a melhor cordialidade, a mais alta educação. Vemos e não enxergamos o charreteiro, o pescador, o hoteleiro, o vendedor de queijo quente. Quando enxergamos é uma condição de prestador de serviços. Deixo a pergunta que avisei que faria: você realmente gostaria de trocar de lugar com os vagabundos? Os moradores que estão presos ao local, por questões culturais ou financeiras? Imagino que a resposta seja um não. Na condição de turista (agora, na acepção baumaniana), queremos transitar pelo mundo inteiro, e nossas vidas estão boas, obrigado! Bauman esclarece que para o Turista a ideia de se tornar como o Vagabundo soa aterrorizante, como se fosse um fracasso na jornada de turista (BAUMAN, 1998).

A relação turista e vagabundo não é estática, podendo ocorrer alternância de condição, uma vez que depende do contexto e não necessariamente da situação econômica. Para fins introdutórios, é importante frisar que o sujeito exógeno é o Turista, e o endógeno é o Vagabundo.

Importante esclarecer que apesar de *O Mal-estar da pós-modernidade* ser uma obra anterior a formulação do conceito de Modernidade Líquida, Bauman já apresenta as bases para a terminologia que seria o grande símbolo de sua obra. Em *O Mal-estar da pós-modernidade* há a discussão sobre solidez,

mobilidade e fruição, e é nesse contexto que surge a imagem do viajante em sua bifurcação: Turista e Vagabundo.

O eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se — mas evitar que se fixe.

A figura do turista é a epítome dessa evitação. De fato, os turistas que valem o que comem são os mestres supremos da arte de misturar os sólidos e desprender o fixo. Antes e acima de tudo, eles realizam a façanha de não pertencer ao lugar que podem estar visitando: é deles o milagre de estar dentro e fora do lugar ao mesmo tempo. O turista guarda sua distância, e veda a distância de se reduzir à proximidade. É como se cada um deles estivesse trancado numa bolha de osmose firmemente controlada; só coisas tais como as que o ocupante da bolha aceita podem verter para dentro, só coisas tais como as que ele ou ela permitem sair podem vazar. Dentro da bolha o turista pode sentir-se seguro: seja qual for o poder de atração do lado de fora, por mais aderente ou voraz que possa ser o mundo exterior, o turista está protegido. Viajando despreocupadamente, com apenas uns poucos pertences necessários à garantia contra a inclemência dos lugares estrangeiros, os turistas podem sair de novo a caminho, de uma hora para a outra, logo que as coisas ameaçam escapar de controle, ou quando seu potencial de diversão parece ter-se exaurido, ou quando aventuras ainda mais excitantes acenam de longe. O nome do jogo é mobilidade: a pessoa deve poder mudar quando as necessidades impelem, ou os sonhos o solicitam. (BAUMAN, 1998, p. 114).

Quando Bauman aborda os dilemas, características e semânticas do Turista e do Vagabundo seu intuito é de apresentar uma metáfora, conforme expressa o seguinte trecho: “Uma palavra de advertência: turistas e vagabundos são as metáforas da vida contemporânea.” (BAUMAN, 1998).

Nos passos de Bauman, trabalho o Turista e o Vagabundo em uma relação metafórica para representar o turista e o morador, esses dois atores em constante interculturalidade, que transitam por Algodual e Fortalezinha, mas que poderiam ser de qualquer lugar do mundo, pois ser viajante, conforme Bauman, é a condição de todos nós.

Em tempo, antes de seguirmos para as próximas páginas, convido a todo turista baumaniano a “enxergar” Maiandeuá e os maiandeuenses na próxima vez que aportar na ilha. Escrevo isso com a frase de José Saramago em mente: Se puderes olhar, vê. Se podes ver, repara (SARAMAGO, 1995).

CAPÍTULO 2: PEGADAS NA AREIA DA PRAIA

2.1 PEGADAS BIBLIOGRÁFICAS

Na penúltima ida à Maiandeuá para entrevista e coleta de dados, hospedei-me em uma pousada da Vila de Fortalezinha, o proprietário foi um dos entrevistados, o já retrocitado Conterrâneo (denominei-o desta forma por ter nascido no meu município natal: Castanhal). Conterrâneo reside em Fortalezinha há cerca de 20 anos, e acompanhou todas as mudanças estruturais, sociais e culturais que deram face para o estado atual da vila.

Ao saber que eu era pesquisador em trabalho de pesquisa de campo, Conterrâneo informou algo que eu escutara na Vila de Camboinha: que pela vila já passaram outros pesquisadores de graduação, mestrado e possivelmente doutorado. Tanto na Vila de Camboinha, quanto na Vila de Fortalezinha, tive a sensação de um certo desinteresse (em geral) pelo trabalho acadêmico desenvolvido na ilha, em especial, na Vila de Camboinha, que teria se restringido a coleta de dados.

No caso de Fortalezinha, o Conterrâneo informou com certo orgulho sobre uma construção de um marco em sua propriedade, e que seria resultado do trabalho de pesquisadores da UFPA, no campo da geologia:

Olha, eu tenho ali um (pausa longa) um..., uma coisa que criaram lá, bem ali, mas é da parte de geologia. É uma equipe de doutores, alunos fazendo doutorado, e, hum, dois marcos que tem aqui na ilha: um aqui, outro em Algodoal. É o aqui, porque, eles fizeram estudo e tal, aí deu que aqui é a parte mais alta, daqui da ilha. Aí, pediram se dava permissão pra eles construírem aqui. Não tem problema não, tá aí ó, eu vou já até (...), limpei, eles nunca mais vieram (...)

Nota-se a satisfação pelo fato de que um trabalho acadêmico realizado em sua pousada indicou que Fortalezinha teria alguma vantagem sobre Algodoal – uma concorrência presente na fala de alguns entrevistados de Camboinha,

Fortalezinha e Mocoóca, e que aponta para uma luta por mais espaço no cenário turístico da ilha.

Pediram se dava permissão pra eles construírem aqui. Não tem problema não, tá aí ó, eu vou já até (...), limpei, eles nunca mais vieram.

A interação com o Conterrâneo me abriu o leque para uma riqueza bibliográfica acerca dos problemas enfrentados por Algodual e Fortalezinha, e tratei de pesquisar afundo atrás de trabalhos científicos com foco nessas duas vilas, ou em Maiandeuá como um todo, para me auxiliar em meu objetivo geral e específicos, bem como nas análises dos objetos da pesquisa. Entre os trabalhos e publicações que serão utilizadas em nossa pesquisa, elenco:

- *Mayandeuá, Espaço e imaginário em narrativas de uma comunidade no litoral paraense*, de Patrícia Inês García de Souza, Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 1999;
- *A reestruturação das relações de poder e o redesenho do território da Vila de Algodual (Maracanã-PA) após a criação da APA – Algodual/Maiandeuá em 1990*, de Roberto Eduardo Bastos Lisboa, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA.
- *Turismo e transformações socioambientais na Amazônia: Um estudo sobre a percepção dos residentes na Vila de Algodual – PA*, de Ana Paula Melo de Moraes,

Outras publicações destacáveis que problematizam acerca de Maiandeuá:

- *Algodual Ameaçada*, de Hiroshi Bogea;
- *A ilha do Algodual corre o risco de morte*, de Luis Marcelo;

Além do material que trata diretamente sobre Algodual e Fortalezinha, destaco obras e trabalhos acadêmicos que discutem a multidisciplinaridade, interculturalidade e turismo, assuntos importantes para a presente pesquisa:

- *O pensamento mestiço*, de Serge Gruzinski.
- *As culturas Populares no Capitalismo*, de Néstor García Canclini.

- *Turismo Amazônico: Experiências no Alto Solimões, Amazonas, de Cristiane Barroncas Maciel Costa novo.*
- Turismo, planejamento e desenvolvimento sustentável, de Maria Noémi Marujo e Paulo Carvalho.

2.2 DISCUSSÕES E OLHARES SOBRE ALGODOAL E FORTALEZINHA

Apesar de não tratar diretamente sobre Algodual e Fortalezinha, o artigo científico *Processos de turistificação: Dinâmicas de inclusão e exclusão de Comunidades Locais*, de Yara Silvia Marques Issa, trabalha um tema que dialoga com os assuntos abordados nesta dissertação: as consequências para as comunidades locais em um espaço afetado pelo turismo.

O trabalho de Souza se debruça sobre um tema caro para a Amazônia: a riqueza do imaginário popular. Impossível tratar sobre imaginário amazônico sem beber da fonte das narrativas orais, como afirma Da Silva: “Na região amazônica, os encantados sobrevivem nas narrativas orais, passadas de boca em boca” (DA SILVA, 2018).

No período 1994-1995, Souza percorreu as quatro vilas entrevistando e captando registros orais dos moradores de Maiandeuá. A todo momento do trabalho, surgem personagens que conheci durante minha pesquisa, e outros que faleceram; como a D. Magah, cuja fotografia está dependurada no interior do tradicional recinto de shows culturais de carimbó: Mupéua. Tratava-se de uma figura quase mítica, respeitada pelos saberes acerca de lendas e origens de Maiandeuá.

Uma das transcrições de Souza apresenta uma D. Magah articulada na contação de história:

“...ela se enfiava dentro da água e não saía mais. É sim. Então é encantado! Minha senhora. O encantado, eu vou lhe dizer, não tem ninguém que diga, isso é da parte...é da parte...é um mistério de Deus que ninguém pode.” (SOUZA, 1999, p. 14)

D. Magah trata sobre a lenda mais difundida em Maiandeuá: a Princesa Iris ou Flora de Algodual. A lenda é tão importante que empresta nome para a

praia mais frequentada da ilha: a Praia da Princesa. Além da praia, outro local revestido de misticismo recebe nome homônimo: o Lago da Princesa – O lago será um dos objetos de análise em busca de verificar a tese sobre adaptações culturais em Algodual e Fortalezinha. Tanto a praia, quanto o lago, são cercados de relatos de aparições da Princesa. Eu mesmo escutei um, em visita recente. Horário de almoço, em um dos bares construídos na Praia da Princesa, ouvi uma moradora afirmar para uma família de turistas que ela havia visto a Princesa há menos de um mês, durante uma noite de lua cheia. O relato da moradora é componente supranatural de saberes locais, reproduzidos em muitas regiões da Amazônia, e não deve ser menoscabado, ainda mais por mim, um pesquisador-turista, mas não se pode fechar os olhos para uma análise necessária: a aura maravilhosa criada pelos moradores serve também como estratégia de fidelização do turista. Depreende-se que não são somente as belezas naturais e o lazer de áreas de banho que são produtificadas, a cultura também vira um produto de atração para a turistificação, em especial, no caso de Maiandeuá, onde se diz que há um sol para cada lenda.

A pesquisa de campo indicou para Souza uma tensão constante a que a cultura local era submetida em face da necessidade de se adaptar às exigências das levadas e levadas de turistas que desembarcam na ilha em veraneios e feriados. Souza não chamou de tensão entre Turista e Vagabundo como farei, empregou o binômio “arcaico e moderno”:

É válido ressaltar que os dois campos (“arcaico” e “moderno”) se misturam a toda hora no cotidiano do habitante da ilha: ele pode, por exemplo, descarregar de um barco a motor grades de Coca-Cola, diretamente para a sua carroça e depois para o bar, sem se dar conta de que está associando o velho (carroça, barco) ao novo (a multinacional da Coca-Cola). E, à “boca da noite”, pode relatar “causos” sobre a Princesa encantada da ilha, utilizando-se de um léxico que pode incluir carros e prédios assombrando o lugar, (SOUZA, 1996, P. 16).

É preciso analisar as considerações de Souza como a perspectiva de um turista baumaniano, que mesmo no papel de pesquisador, debruça-se para analisar dados a partir de uma formação cosmopolita. Isto explica o “choque”

cultural que Souza demonstra ao encontrar a marca Coca-cola em pleno paraíso amazônico. Por quê? Não pode Coca-cola? A questão é que para explicar o fenômeno diante de si, Souza opta por denominar o produto de uma multinacional de elemento “novo” em Algodual, ao passo que os itens “carroça, barco” são identificados como “velho” – mas quantos anos a Coca-cola tem de existência no mundo? Pois é, desde 1944. Claro, o conceito e debate sobre multinacionais é mais atual, presente no tema da globalização, ainda assim, por que considerar a Coca-cola o novo e os barcos dos maiandeuenses o velho?

A visão de mundo é um processo cultural, a “(...) lente através da qual enxergamos o mundo” (LARAIA, 1986).

Minha observação não é uma crítica a escolha da pesquisadora, e sim, uma constatação. Em exercício de empatia, caso não conhecesse a linha de estudos que traço, os livros e os pensadores, se meu tema de pesquisa fosse outro, é possível que eu optasse pelo binômio novo-velho.

Deslinda-se um dos diferenciais da pesquisa que efetuei em Algodual e Fortalezinha, que resultou no presente trabalho: pela perspectiva teórica escolhida, as duas vilas são constituídas pela figura do vagabundo não pela ausência de acesso aos produtos e cultura dos centros urbanos, ao invés, pelo excesso de presença. É a hiperexposição que gera a tensão; a hiperexposição a que todo vagabundo está exposto, a hiperexposição ao mundo do turista. Neste caso, pouco importa se é um vagabundo de uma comunidade em uma ilha do litoral paraense, ou um Vagabundo em algum bairro de Dubai. A tensão não é relacionada ao não-ter, mas estar exposto as inúmeras vitrines de quem tem.

A maioria dos trabalhos científicos realizados nas vilas de Maiandeuia enfocam os problemas ambientais e geográficos. Uma outra parte, a cultura. Mas ao tratar sobre a cultura local procuram distinguir da presença do turista, como se fosse possível a existência de uma Maiandeuia pura e intocável. Defendo que o contexto sociocultural das quatro vilas é indissociável de um sistema de turistificação. Maiandeuia, especialmente Algodual e Fortalezinha, é um polo de visitação, e a tendência é desenvolver seu potencial turístico. Tal contexto modifica a cultura local, pois envolve tensões entre o morador e o estrangeiro. Não necessariamente é uma modificação nociva, pois parte até do próprio morador modificar a cultura para fidelizar o turista e garantir seu próprio sustento. Sem romantizações sobre o processo.

Senti falta de trabalhos científicos realizados por um ou mais moradores de Maiandeuá – se há, não consegui detectar ao longo da pesquisa. Incluindo este trabalho, as análises sobre Maiandeuá são endógenas. Os moradores se posicionam bastante de modo verbal e pelas redes sociais, mas pouco ou nem um em material escrito de caráter acadêmico – o que indica ausência de políticas públicas voltadas para a formação de conhecimento científico local, e por conseguinte, geração de acervo autóctone da memória, história e situação do povo maiandeuense. As manifestações mencionadas são plurais: uns adotam um ângulo ufano com as belezas naturais da ilha (estratégia para fidelização do turista?), uns se dedicam a divulgar registros fotográficos, uns se dedicam a difundir o carimbó da ilha, uns se dedicam a promover eventos como festivais e saraus, há aqueles que denunciam fraturas na identidade local, há aqueles que expressam o desejo de maior desenvolvimento hoteleiro e infraestruturacional para a ilha. Alguns comentários encontrados em redes sociais afora:

Alooooooô Belém!!! Os FILHOS DE MAIANDEUA estarão no sábado (18) fazendo o melhor do carimbó frenético, pau e corda, no espaço cultural apoena. Então pega a tua saia e te lança que vai ser frenéticoooooo (FILHOS DE MAIANDEUA, 2020)

Venham fazer parte da nossa vivência cultural de Carimbó para a virada do ano! Encontro dos grandes mestres da região e participação dos grupos Filhos de Maiandeuá e brasileiros. Na virada vai ter nosso tradicional banho de cheiro e defumação ancestrais de ervas, pau e sementes naturais. Venha renovar sua energia para receber o 2020! (CASA DO CARIMBÓ, 2019)

A ausência de iluminação pode afetar a mobilidade e o conforto dos residentes locais durante a noite.

A iluminação é considerada uma medida essencial para promover a segurança e o bem-estar da comunidade.

O movimento Unidos por Maiandeuá recebeu doações

De refletores de nossos membros e foram implantados no porto de Nazaré do seco, a iluminação é essencial para quem viaja a noite trazendo uma melhor visibilidade para embarque e desembarque a noite nessa comunidade

Gratidão companheiros com pequenos gestos podemos ajudar uns aos outros, (CASA DO CARIMBÓ, 2023)

As reclamações sobre os preços abusivos de transporte para chegar até a ilha e a falta de lazer só aumenta! Antes vinham van,ônibus,e carros de fretes particular até o porto de embarque e desembarque de Marudá,hoje a liberdade de escolher como eu quero vir! virou comércio abusivo! Além dos horários de barcos da Climam Algodual-Marudá que não tem lógica! todas essas dificuldades para ter acesso a ilha de Maiandeuá/Algodual causa um impacto considerável no turismo local, nós estudos dos nativos que sonham em fazer uma faculdade, um curso fora da ilha é limitado por esse monopólio do transporte!!!! a Prefeitura de Maracanã e nem o vereador que administra a ilha de Maiandeuá até hoje não se manifestaram com propriedade, para resolver esse problema que afeta todo o comércio local comunidades e turista, deixando a ilha de algodual um dos destinos mais procurados do Estado do Pará a sobreviver dos turistas que viajar carro particular! E uma vergonha precisamos de políticas públicas urgente entre Maracanã e Marapanim! Sem Algodual MARUDÁ NÃO TEM FLUXO E SEM MARUDÁ ALGODOAL TAMBÉM NÃO!, (CASADO CARIMBÓ, 2023)

Os temas abordados nas publicações são variados, desde anúncios de eventos em Maiandeuá a problemas com o fornecimento de energia. Em uma análise de discurso bem superficial, está claro que o interesse é alcançar o turista, seja com um evento cultural atrativo, seja pleiteando o bem-estar dos veranistas: “(...) para resolver esse problema que afeta todo o comércio local comunidades e turista, deixando a ilha de algodual um dos destinos mais procurados do Estado do Pará a sobreviver dos turistas que viajar carro particular” (SOUZA, 2023).

A questão que não é respondida por Souza (até porque não é seu objetivo) é até que ponto os interesses do turista estão mexendo com a identidade cultural de Maiandeuá, e provocando tensões sociais entre os moradores; um fenômeno como esse seria percebido, mesmo que não fosse o foco de uma pesquisa. Evidencio um relato de Souza que corrobora com o tensionamento que encontrei durante minha pesquisa de campo:

Penso que os narradores de Mayandeuá não discordariam disso: seus atos, ideias, criações, são únicos, mas ao mesmo tempo, ancestrais. A subjetividade, a voz de Zé Mingau não pode se confundir com os gestos, a narração e a subjetividade de Seu Zinho. Ambos são muito diferentes. Os habitantes de Algodual dizem que tocam um carimbó melhor do que os de Fortalezinha, e vice-versa. (SOUZA, 90-91)

Souza encontrou um sentimento de concorrência entre moradores da Vila de Algodual e da Vila de Fortalezinha, o pomo da discórdia seria a qualidade do carimbó produzido em ambas – ou seja, um produto cultural.

A priori, presume-se que é mera ufanía ou bairrismo interno dos moradores das duas vilas com melhor infraestrutura em Maiandeuá, mas a tensão é mais complexa, e envolve (ou decorre) da fidelização do turista. Há uma crescente insatisfação nas demais vilas de Maiandeuá com os benefícios desfrutados apenas por Algodual:

A APA surgiu onde agregou Algodual e Mayandeuá. Se poderes ver o Mapa, verá que Algodual, por sua estrutura turística há anos, ficou com a uma "sub-prefeitura" onde tem uma equipe de limpeza de aproximadamente, acredito, 10 funcionários. Bom, então, tecnicamente existe uma verba repassada pra Prefeitura, por ser uma APA, possui várias entidades de Meio-Ambiente, e fora as ONGs que por aqui existem, além de Associações, tudo voltado pra Algodual. Um exemplo, Algodual possui coleta de Lixo, o mesmo vai direto pra Maracanã através de embarcações, enquanto outras vilas da ilha não existem, portanto, segundo muitos moradores mais antigos da ilha, existem muitas ações ocorrendo, sem que as Vilas e cidadãos sejam beneficiados, infelizmente.

Em outro momento da conversa, Poeta abordou a questão das tradições culturais, em especial, o carimbó:

Tem essa coisa do carimbó, sabe. O carimbó de Algodual, mudou muito. Os moleques que tocam querem tudo parecer com os moleques de fora. Aí, é tudo, cara: modo de falar, de se vestir, tudo cheio de gíria de fora da ilha. As letras já não falam mais da natureza, da ilha, falam dessas coisas, é..., desses assuntos que gringo gosta. Carimbó raiz mesmo tem lá em Fortalezinha, os meninos dos Filhos de Maiandeuá, preservam o carimbó original, instrumentos, letras. Pra cá, cara, pra Algodual, tá estranho, carimbó e o povo, querem ser igual as gentes de fora, aí desfigura o negócio, sabe.

A rivalidade verificada por Souza, e por mim, não se restringe ao mero conteúdo do carimbó. Antes de distinguir o carimbó produzido em Algodual e Fortezinha, o entrevistado cita a distribuição de recursos. E vale destacar que, em sua maioria, os recursos destinados para Maiandeuá têm sido empregados no desenvolvimento infraestruturacional para suporte ao cenário turista. Em suma, falar de recursos para a ilha é falar de turistificação. Infelizmente, os recursos para fins de desenvolvimento humano não são prioridade para o Poder Público, e para o próprio senso comum dos moradores, mais interessados no aumento do fluxo turístico. Moradores como o Poeta, e outros que entrevistei, acreditam que uma separação administrativa de Algodual impediria que os recursos continuassem a ser empregados majoritariamente em Algodual, devido ao seu potencial turístico já conhecido em todo o Brasil. Assim, coibiria tensões que estão a ocorrer entre as vilas:

O que eles alegam é o seguinte: é que a nossa praia recebe mais pessoas, é que a nossa praia se prontifica a ter pousadas mais bonitas; é que a nossa praia recebe os melhores andamentos sociais? Enfim, todo o recurso financeiro é voltado pra lá; é que a nossa praia tem pessoas que fazem a limpeza da rua, em outras localidades não existe; é que a nossa praia tem policiamento e lá em outras não tem; é que a nossa praia

tem o posto de saúde, enquanto outros não tem. Vocês têm que vir pra cá porque vocês precisam, então, é real, em gestão, é realíssimo nesse sentido. Então, a partir do momento que você tem um jovem que..., de repente mora em Algodual, e tem um jovem que mora em Camboinha. Com certeza, aquele jovem, ele vai jogar na cara daquele outro jovem, se tiver algum tipo de rixa: ah, vocês precisam da gente. Isso é muito aberto, e é por isso que querem delimitar o sentido de uma associação que possa somente estar voltada à Camboinha, Fortaleza e Mocoóca, e deixar de lado Algodual.

No contexto mencionado, o carimbó seria um item de apelo popular no jogo social das duas comunidades. Pois quando se diz que em Fortalezinha se pratica um carimbó tradicional, implicitamente, a ideia é que o carimbó “ofertado” por Fortalezinha é mais convidativo para um nicho de turistas; os que buscam experiências autorais. Logo, um espaço que possui um carimbó original ganha um diferencial na disputa por fregueses. Este é o cenário que encontrei durante a pesquisa: uma Algodual com ares cosmopolitas, e um Fortalezinha como o último reduto da cultura tradicional da ilha (ao menos, é o que o marketing orgânico, de boca em boca, busca a toda hora transmitir). Algodual é o requinte, Fortalezinha é o rústico.

Em visita à Fortalezinha, constatei que se trata de comunidade com menor infraestrutura, porém, com fortes indícios de que, em poucos anos, disporá dos mesmos recursos atrativos que Algodual: internet com boa conexão, restaurantes com cardápios adaptados ao gosto dos turistas, pousadas com itens luxuosos (inclusive, há em construção uma pousada com proporções consideráveis para o contexto da vila), eventos culturais com músicas eletrônicas etc.

A narrativa auferida por Souza de que em Fortalezinha o carimbó é melhor é oportuna para uma comunidade que passa a impressão de desejar rivalizar com Algodual pelo fluxo turístico. Tal tensionamento interno, ignorado pelos

milhares de turistas baumanianos, desemboca em lutas em diversos fronts, como constatado na fala do Professor – do carimbó à geopolítica.

Indaguei ao Poeta se as demais comunidades não identificariam Algodual como pedaço cultural de toda a ilha:

Bom, geograficamente, ela não pertence a Maíandeuá. Quando foi criada a APA, ela ficou dentro desse contexto de Maíandeuá pertencer..., de pertencer à Maíandeuá, por um processo político, né. Por um processo de, pô, Algodual é mais conhecida do que a própria..., do que as próprias vilas, então, nossas precisamos agregá-las pra justamente ter esse potencial e dizer que nós fizemos uma APA. Mas geograficamente, ela não pertence a Maíandeuá, ela é uma ilha independente. Mas agrega a APA em si. Se nós pensarmos em Maíandeuá é só Camboinha, Fortalezinha e Mocoóca. Essa é a ilha de Maíandeuá; ilha de Algodual é ilha de Algodual.

O discurso a todo tempo direciona para uma dissociação da Vila de Algodual e as demais vilas, em especial, Fortalezinha. Em um cenário no qual ocorresse esse novo cenário social, Fortalezinha assumiria o papel de centro administrativo de Maíandeuá, que hoje é de Algodual. Uma troca de poder local acarretaria maiores possibilidades de aumentar a turistificação nas três vilas, em especial, Fortalezinha.

Interessante perceber que em Algodual não encontrei um clima separatista das demais vilas. Os moradores pouco falam das demais vilas. Credito isto ao fato de que um espaço de poder estabelecido costuma ter menor sensibilidade com espaços periféricos. Bom frisar que o tensionamento foi extraído dos entrevistados, o que não significa que corresponde a maioria ou totalidade dos moradores de Mocoóca, Fortalezinha e Camboinha. Foi a maioria dos entrevistados. Dito isso, posso arriscar que a observação de Souza sobre a rivalidade do carimbó é uma nuvem em prenúncio de outras, com a possibilidade de toró. Em capítulo posterior, voltaremos a este assunto.

Veja, leitor, que este trabalho demonstra sua relevância e o distingue de outros trabalhos já feitos sobre Algodual e Fortalezinha, pois foca em como a

presença dos turistas está mexendo com a cultura local. E por cultura, orientaremos a discussão pelos pressupostos teóricos de Nestor García Canclini:

Esta crítica ao valor científico e político da contribuição antropológica nos levará ao estabelecimento de laços entre o conceito de cultura e os conceitos de produção, superestrutura, ideologia, hegemonia e classes sociais, conforme têm sido elaborados pelo marxismo. Deste modo, chegaremos a uma caracterização da cultura como um tipo particular de atividade produtiva, cuja finalidade é compreender, reproduzir e transformar a estrutura social e brigar pela hegemonia. Na tarefa de vincularmos esta definição ao estudo empírico, utilizaremos alguns recursos da sociologia da cultura que explicitam os mecanismos através dos quais um capital cultural é transmitido por meio de aparelhos e se internaliza nos indivíduos gerando hábitos e práticas, ou seja, gerando a estrutura da nossa vida cotidiana. (CANCLINI, 1983, p. 18)

Com um objeto mais próximo do que escolhi para pesquisar, Lisboa defendeu em 2017 dissertação para obtenção de Mestrado em Sociologia. Assim como Souza, Lisboa utilizou na sua metodologia a pesquisa de campo, trabalho realizado no período 2015-2016.

Essa dissertação analiso, como os diferentes atores sociais da Vila de Algodual (Maracanã-PA), lutam por melhores posicionamentos e vantagens no campo socioambiental da Área de Proteção Ambiental de Algodual-Maiandeuá, constituída pelo Conselho Gestor. Nesse cenário, a Vila de Algodual apresenta uma relevância histórica pelo fato de ser o espaço social onde várias alterações aconteceram, desde a formação do seu primeiro núcleo populacional, uma vila de pescadores, até mais tarde se tornar também um relevante balneário turístico do litoral paraense. Nessa transição, algumas mudanças importantes na organização social aconteceram com a intensificação da atividade turística. Ademais, o incremento dessa nova atividade econômica, atraiu a vinda de pessoas de fora com a intenção de investir no setor hoteleiro e comércio. Além disso, o aumento da presença de turistas apreciadores da natureza do lugar

contribuiu para que a criação de um grupo ambiental influenciasse na criação pelo governo do Estado do Pará, da APA Algodual-Maiandeuá no ano de 1990, e mais tarde por meio de reivindicações da sociedade civil organizada esta unidade é implantada com a criação do seu Conselho Gestor no ano de 2006. (LISBOA, 2017, p. 7)

Entre a pesquisa de Souza e a de Lisboa, houve a passagem de tempo de 18 anos. Neste mundo liquefeito, um ano já traduz enormes mudanças, imagine 18! Meu trabalho resguarda maior proximidade cronológica com o trabalho de Lisboa, ainda assim, são cinco anos de espaçamento (com relação a Souza: 22 anos). Por isso, o diálogo com Souza e Lisboa perfazem uma certa linha do tempo de Maiandeuá, um retrato acadêmico de suas mudanças. Se Souza se deparou com a rivalidade do carimbó de Fortalezinha e de Algodual, em uma ainda infante APA, Lisboa encontra uma APA com acentuação do quadro indicado por Souza. Os atores envolvidos com a sociocultural local estavam todos posicionados no tabuleiro, e cada um, buscava o interesse que julgava mais adequado para a ilha.

Souza andou por uma Algodual/Maiandeuá que se eriçava com o aumento do fluxo turístico; Lisboa andou por uma Algodual/Maiandeuá em processo de turistificação e implantação de melhor infraestrutura; andei por uma Algodual/Maiandeuá que muito lembrou uma pequena metrópole (Algodual) em contraste com zonas periféricas (Mocoóca, Fortalezinha e Camboinha). Andei por uma Algodual/Maiandeuá de fraturas sociais, de mudanças culturais, de distanciamento afetivo entre as quatro vilas.

Lisboa identificou o papel que o turismo estava cumprindo na malha de interesses exógenos e endógenos relacionado à Maiandeuá:

A atividade do turismo causa mudanças na economia local, pois esta comunidade em décadas atrás tinha a pesca e agricultura de subsistência como sua economia principal que depois é alterada com a inserção parcial de uma nova economia de acumulação de capital, o turismo. Essa modificação ocasionou profundas transformações na organização social desse lugar, alterando as relações de poder que anteriormente se apresentavam com uma característica e com o passar do tempo

se mostram por meio da apropriação do território e de uma rede de ligações envolvendo grupos que procuram posicionamentos em um campo desarmônico de lutas pelo poder. (LISBOA, 2017, 14).

E:

O turismo causa a modificação do território por diversas razões. Inicialmente, pela apropriação dos lotes de terra dos nativos pelos turistas que passam a ser proprietários de uma casa de veraneio; depois, pela mudança da organização social que se altera de uma comunidade predominante pesqueira para um balneário turístico e, por último, pela criação da APA, um novo território de administração participativa de diferentes agentes (município, Estado e Governo federal) governamentais. (LISBOA, 2017, p. 14).

Pelo que se depreende das observações de Lisboa, Maiandeuá não passou incólume a passagem dos turistas. Este é um axioma importante do trabalho a que me dediquei desde a apresentação do pré-projeto desta pesquisa: a cultura local está sofrendo mudanças devido ao tensionamento entre moradores e estrangeiros, e isto ocorre em um contexto comparativo com a teoria de Zygmunt Bauman acerca do turista e o vagabundo; uma relação de complementariedade, ao mesmo tempo de conflitos identitários.

2.3 ALGODOAL E FORTALEZINHA LÍQUIDAS?

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman é um pensador largamente associado à modernidade, aos desdobramentos da fragilização do relacionamento interpessoal, à pulverização da estabilidade social, à produtificação da cultura, e ao empuxo do consumismo e do capital. Todos esses

temas são tratados em contexto, principalmente, urbano, cosmopolita. Pois a globalização é um processo sempre no radar de Bauman.

As condições necessárias para garantir a sobrevivência humana (ou, ao menos, para aumentar suas probabilidades) deixou de ser divisível e 'localizável'. O sofrimento e os problemas de nossos dias têm, em todas as suas múltiplas formas e verdades, raízes planetárias que precisam de soluções planetárias. (BAUMAN, 2015, p. 35).

Com discussões acerca de uma humanidade cada vez mais interligada e fluídica, Bauman tem sido referencial teórico em inúmeros trabalhos científicos no Brasil, sempre associado ao mundo globalizado. Vide o trecho em que Bauman credita sofrimentos e problemas sociais a raízes planetárias (BAUMAN, p. 35). O fato inédito de trazer as problematizações sobre o Turista e o Vagabundo para o contexto de comunidades pequenas, do interior do Pará, situadas em uma ínsula, demonstra que cada pedaço de mundo carrega as potencialidades e os adoecimentos do mundo.

Ao romantizarmos que localidades como Algodual e Fortalezinha são intocáveis, bucólicos, belamente selvagens, isolados dos males da vida urbana, ignoramos que é praticamente impossível existir um espaço antropizado que não receba influência de grandes centros, do consumo e do capitalismo. E mais, olvidamos que ao desembarcar na ilha de Maiandeuá trazemos conosco esses males, pois, conscientemente ou inconscientemente, exigimos que o espaço humano e infraestruturacional se moldem às nossas necessidades, preferências e personalidade. Irônico! Na tentativa de fugir da cidade, levamos a cidade conosco e pintamos de cidade o trajeto, a estada e as reclamações.

Em última viagem à Algodual, encontrei uma pousada em reformas. Em um ambiente contíguo ao portal de ingresso dos turistas, a proprietária resolveu empreender um salão de atividades físicas, com sofisticados aparelhos de exercício. Olá, aqui é Marte para o planeta Terra: com uma área de praia com quilômetros de extensão, com trilhas por dentro do mangue, e outras tantas possibilidades que a natureza oferece em Algodual, qual a necessidade de atividade física em quatro paredes? Ainda que algum Professor de Educação Física liste as inúmeras virtudes de se exercitar em uma academia, indago se é

este o objetivo primordial de alguém que se abala de uma cidade para uma ilha no coração do litoral paraense? O homem urbano morrerá se passar um, dois dias longe de seus aparelhos de academia? Outro ângulo da indagação: os maiandeuenses tinham a necessidade de uma academia; era um elemento da cultura local? Com o novo empreendimento, é possível olhar para o lado direito (ao chegar na Vila de Algodual) e avistar os turistas com seus fones de ouvido, e queimando calorias; à esquerda, as águas inquietas assistem a tudo com a desconfiança de que chegará o dia em que ninguém virá mais à Maiandeuia para tibungar nelas.

Por enquanto, a natureza ainda dita o ritmo, e em demonstração de força, costuma aprontar das suas; sutis avisos de quem é que manda – não sabemos até quando. É da própria natureza humana antropizar terra, céus e mar.

Desta maneira, os turistas que transitam neste local são afetados por estarem acostumados com as tabelas de horários das cidades, agendas, metas, compromissos e principalmente com horários de ônibus, voos e outros transportes. Na travessia de barco no sentido Marudá - Vila / Vila - Marudá, apesar de haver tabelas de horários para atravessar, no momento da baixamar, os barcos não conseguem navegar no canal próximo a Marudá, porque há uma bancada de pedras e o risco de acidente com as embarcações é iminente, sendo assim, é prudente esperar uma ou duas horas para que a maré possa permitir a navegação novamente, contrariando e frustrando muitos visitantes que não atentam para essa alteridade de tempo local. (LISBOA, 2017, 31).

Eu fui um dos momentos turistas que padeceu os terrores da travessia Marudá-Algodual. Em particular, certa feita, o barco encalhou em um banco de areia e foi um Deus nos acuda! Passageiros que até então se apresentavam com trejeitos de embriaguez, ficaram lúcidos imediatamente com medo de afogamento. Cabe essa observação mordaz: entre Marudá e o porto de Algodual, há um mar. No trapiche de cá, antropização; no trapiche de lá, antropização. Mas durante o trajeto entre os trapiches, quem dita as regras é a natureza. Um alerta bem-vindo de que o dinheiro não pode comprar a tábua das marés.

Segundo Lisboa, a turistificação em Maiandeuá seguiu um processo exponencial a partir de grupos iniciais de aventureiros. Inicialmente, alguns desses aventureiros manifestaram o desejo de fixar residência na ilha, adquiriram lotes de terras, construíram casas de veraneio, mas com o passar do tempo, vieram as pousadas, os restaurantes etc.

Na vila de Algodoal, inicialmente essa atividade se mostrou de forma incipiente contando com a presença de pequenos grupos de aventureiros que para lá se deslocavam com o objetivo de desfrutar as belezas cênicas do local. Essa quantidade de pessoas prosseguia aumentando e por meio disso, desencadeando um processo de aquisição de lotes de terra dos nativos pelos turistas, os quais tinham o propósito de construção de casas de veraneio, meios de hospedagem e restaurantes, ocasionando o processo de turistificação no lugar.

Este processo, conseqüentemente cria parcialmente um território turístico, ou seja, adaptado para o suprimento das necessidades de turistas, fazendo com que posteriormente esta ação transforme a Vila de Algodoal em um produto turístico. A consequência dessa alteração, modifica parte da antiga economia de subsistência baseada na pesca e a pequena agricultura, por outra nova economia, a economia do turismo. Que ocasiona uma nova produção e reprodução do espaço da vila, pois os que dominam essa nova atividade econômica, tornam este, um espaço hierarquizado alterando de maneira significativa a sua configuração. (LISBOA, 2017, 36).

Quando analisou o imaginário nas narrativas orais, Souza peregrinou por uma Maiandeuá praticamente debutante no turismo. Lisboa peregrinou por uma Maiandeuá com sérias divisões e conflitos sociais, inclusive, relacionadas a maneira como os moradores compreendiam ou ignoravam o que era uma área de proteção ambiental. Outros pontos de tensão: as relações entre os moradores e as responsabilidades da Prefeitura de Maracanã com a coleta de lixo; as relações entre os moradores e as responsabilidades dos órgãos estaduais; as atuações do Conselho Gestor da APA; os interesses das Organizações Não Governamentais (ONG), que por sinal, merecem destaque no trabalho de Souza – em minha passagem pela ilha, coletei reclamações sobre a atuação de várias

ONGS, que supostamente “governariam” a ilha externamente e alheias aos interesses dos moradores. A suposta administração paralela ocorreria por meio de negociações de ONGS com agentes públicos. Segundo o entrevistado que denominarei de “Historiador”: “As ONGS vão lá fora, fazem projetos pra ilha, apresentam pros políticos, depois vem tudo pra gente cumprir, coisas que a gente nem sabia, e os cara desaparecem. São tudo de fora, esse povo que comanda essas ONGS” (HISTORIADOR, 2022).

O cenário que encontrei durante minha pesquisa mesclou os cenários de Souza e Lisboa. Apresentou uma ilha em meio a uma intensificação infraestruturacional de turistificação ao passo que o próprio imaginário da ilha está susceptível às modificações necessárias para se adequar ao gosto e necessidade do turista.

Das complexas relações interpessoais e institucionais ao simples ato de lazer, a passagem do turista tem afetado a cultura local. Resta-nos analisar essas afetações, saber em que consistem na prática, quais adaptações, quais produtos culturais não são mais os mesmos, o porquê não são, quais os ganhos e perdas envolvidos nessas negociações que ocorre com ares de forças do destino, mas que tem atores importantes sim, como eu e você, turistas e vagabundos baumanianos.

É muito fácil e satisfatório para o turista: marcar no calendário a data de seu lazer, ligar e reservar uma pousada, comprar uma *action cam*, arrumar a mala, e partir para Algodual para dias de lazer. Mas já raciocinamos que nosso lazer em pontos turísticos é trabalho para os moradores daquele espaço? Indagamo-nos sobre o que o garçom, o carroceiro, a tacacazeira, o comerciante, fazem quando não estamos lá? Melhor, o que gostariam de fazer?

Faro, Bentes e Raiol elaboraram pesquisa em Algodual sobre um tema curioso: o lazer dos moradores. Os pesquisadores da UFPA procuraram identificar a forma como a passagem do turista afeta os momentos de prazer social e físico dos moradores. E concluíram o seguinte:

As práticas de lazer dos moradores da Vila de Algodual são influenciadas diretamente pelo turismo, compreendendo dois períodos distintos: a baixa e a alta temporada. Na baixa temporada, os comunitários assistem aos programas de televisão, vão à praia, divertem-se na praça, frequentam as

festas, jogam futebol, conversam com os amigos etc. Na alta temporada, a prática de lazer desses comunitários é prejudicada pelo grande fluxo de visitantes na localidade, uma vez que, em busca de ganhos financeiros, a maioria dos habitantes não tem lazer, porque prestam serviços aos turistas de forma exaustiva, não tendo disposição e tempo para a prática do seu lazer preferido. (FARO, BENTES E RAIOL, 2014, P. 35).

Não que o turista seja um malfeitor do tipo folhetinesco, que chega ao Paraíso, abanca-se e desassossega os pobres anjos. Na realidade, é uma troca. Os moradores de Algodoal e Fortalezinha são atores durante o processo, tem seus próprios interesses. Existe um jogo de ganha e perde, como existe em praticamente todas as relações humanas. Este trabalho se distingue também de outros, pelo fato de que parte do pressuposto de que as adaptações culturais em curso são reações ativas da comunidade, e que o morador encontra formas, a seu modo, de adaptar a cultura local. Exemplo disso são as famosas charretes que transportam turistas e bagagens do trapiche para a vila. Todas as charretes foram batizadas pelos proprietários com nomes que remontam, em sua maioria, a carros icônicos. Temos a charrete Ferrari, a charrete Bugatti, a charrete Camaro e por aí vai – quando formos analisar os objetos da pesquisa, voltaremos ao exemplo das charretes com maior detalhamento. É uma estratégia de fidelização do turista? Considero que sim. Pois os carros icônicos não são elementos naturais de Maiandeuá, pertencem ao cosmo citadino (em uma APA sequer é permitido o trânsito de veículos, embora...). O batismo das charretes gera uma sensação de familiaridade no turista, um dado curioso, um item instagramável. Mas ao mesmo tempo, não deixo de pensar que esse batismo esconde um senso de humor popular, uma ironia, uma maneira de o morador resistir à colonização sutil da turistificação: adaptar o mundo do turista ao contexto local por intermédio do pastiche.

Em aproveitamento do ensejo, uma indagação: qual o emprego das charretes de Algodoal antes da turistificação? Em um estudo recente (2022), Morais apontou para uma mudança do uso desse veículo não motorizado para fins de atender às necessidades dos turistas.

O turismo trouxe para a Vila de Algodal a monetização de atividades já existentes na região, como o uso de carroças e charretes, até então, meios de transporte terrestre básico para a comunidade, tendo em vista que por ser tratar de uma APA (Figura 6), é proibida a livre circulação de veículos ciclomotores, como carros, entre outros. Sendo assim, em relação à infraestrutura turística, a ilha de Algodal, e mais especificamente a vila de Algodal, apresenta algumas peculiaridades. O setor de transportes apresenta uma associação de barqueiros voltada ao transporte fluvial dos visitantes, por meio de lanchas e barcos maiores em época de alta, e uma cooperativa de charretes, responsável pelo transporte terrestre dentro da ilha, sendo este o único meio. (MORAIS, 2022, p. 31)



Figura 15 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

O trabalho de Moraes se mostrou muito importante para a presente pesquisa, pois traz a abordagem das mudanças na Vila de Algodal (somente) pela perspectiva dos moradores, com enfoque nas diversas relações construídas

entre os atores que vivem e deambulam pela região. Utilizaremos observações pertinentes de Morais acerca de transformações infraestruturacionais descritas ao longo sua pesquisa. Mas fica a percepção de que Morais desemboca para a problematização recorrente sobre a ilha: o meio-ambiente.

Destaco trecho da conclusão da pesquisa de Morais:

(...) confirmamos ainda as hipóteses sugeridas nessa dissertação, validando que o turismo é entendido pelos moradores como uma atividade que atua no desenvolvimento local e nas transformações socioambientais, o qual impulsiona a economia local e as trocas socioculturais. Além disso, corrobora com a hipótese de que o principal fator das transformações socioambientais na vila de Algodual é resultado da relação turista x meio natural, ou seja, há preocupação dos moradores com os impactos ambientais. (MORAIS, 2022, p. 104).

Divergirei de Morais quanto ao fator de transformação na Vila de Algodual. A linha adotada para esta dissertação aponta para transformações sim – as adaptações culturais – mas decorrentes do tensionamento entre Turista e Vagabundo; que não é uma relação propriamente de opostos como sugere a consoante “x” utilizada por Morais. Para Bauman, todos os humanos são viajantes (uns turistas, outros vagabundos), portanto, parte de uma mesma condição, diferenciam-se pela situação de viagem: o turista viaja efetivamente, o vagabundo vaga. Turista e vagabundo são complementares, embora haja efeitos positivos e negativos. Desse modo, enxergo Maiandeuá: houve modificações socioculturais e ambientais na ilha, aceleradas na última década, mas essas modificações constituem a identidade atual das localidades existentes na ilha. Há os antigos que reclamam do contemporâneo; há o contemporâneo que segue seu curso – entendo que o contemporâneo erra ao não levar consigo a memória da cultura dos antigos como marco para a cultura dos novos.

Ressalto que minha posição discrepante com Morais é fruto dos resultados do meu referencial teórico, bibliográfico, observacional e construído a partir da pesquisa de campo. Não pretendo que seja verdade inquestionável,

mas um ângulo colaborativo sobre Maiandeuá. Pois nem um dos trabalhos que discutimos neste capítulo, e outros que optei por não incluir na pesquisa, mas li, trouxeram a cultura de Maiandeuá como objeto geral de análise para compreensão dos fenômenos verificados. É bom frisar: todos os trabalhos mencionados foram unânimes em indicar que Algodóal e Fortalezinha passam por transformações. É fato inquestionável. A natureza dessas transformações é que muda de pesquisador para pesquisador.

2.4 GRUZINSKI E CANCLINI

Discutir adaptações culturais em Algodóal e Fortalezinha claramente apontará para as relações globais, a percepção de quanto o mundo “diminuiu”, indo além, o quanto é possível encontrar tudo em todo lugar, ou, em uma expressão que usarei aqui e acolá: o mundo chegou até Maiandeuá!

Ao tempo que Maiandeuá atrai turistas com propagandeio (exógeno ou endógeno) de que é uma insula rústica e preservada dos males da modernidade, os elementos da modernidade estão presentes nas comunidades (em maior ou menor intensidade e dimensão), exatamente como atrativo para os turistas – não o atrativo chamariz, e sim, aquele atrativo que, sutilmente, gera familiaridade, estimula a sensação de que você nunca realmente saiu da cidade grande. Logicamente, os elementos da modernidade são utilizados também pelos próprios moradores por interesses diversos, que vão da praticidade ao recreativo.

Os trabalhos do historiador Serge Gruzinski e do antropólogo Néstor García Canclini são importantes para compreender essa ambivalência de um espaço revestido por uma aura de aparente rusticidade ao mesmo tempo em que está em diálogo com elementos da modernidade.

Na obra *O pensamento mestiço*, Gruzinski lança um olhar sobre o contexto sociocultural que presenciou na Vila de Algodual, quando ali esteve, em setembro de 1997.

De cara, chama a atenção a forma romantizada com que o historiador inicia o relato, vide:

A quietude do lugar era propícia ao sonho e à reflexão. Só o ar parecia tomado por um movimento incessante. No céu, entre as palmeiras vergadas pelas borrascas, o olhar cruzava as nuvens, que só corriam mais lentas na hora do crepúsculo. O vento que soprava sem trégua mal ameaçava o torpor do vilarejo de Algodual, onde eu havia parado. Algodual, plantação de algodoeiros: pronunciado pelos nativos, o nome da aldeia revestia-se de sonoridades afro-indígenas que me seduziram antes mesmo que o barco me deixasse em sua margem.

A aldeia correspondia ao que eu esperava. Carcaças de barcos corridas pelo sal, alguns casebres de tábuas, uma eletricidade parcimoniosamente distribuída compunha uma paisagem preservada", cujo exotismo me lembrava o meu primeiro México. aquele já distante, dos anos 70. O dia se passava num ritmo regular. De manhã, carrocinhas puxadas a burros transportavam mercadorias e mantimentos. De vez em quando barcos desbotados vinham abandonar na ilha jovens sem um tostão, atraídos pela imensa praia oceânica. (GRUZINSKI, 2001, P.23-24)

A estruturação romântica de Gruzinski se revela estrategicamente planejada com o intuito de demonstrar a romantização presente no exotismo com que costumamos enxergar lugares como Algodual: um espaço-lugar idílico, onde o bom selvagem habita, e a vida é um estado de contemplação.

Inúmeros lugares da América, como Algodual, continuam pertencendo ao passado— pelo menos é assim que denominamos tudo o que nos parece arcaico e rústico -, embora imersos cotidianamente nos imaginários planetários. Para

repararmos nesses contrastes — em que é fácil enxergar contradições —, contentamo-nos, via de regra, em contrapor os estragos do progresso e as contaminações da Civilização' às resistências da Tradição.

Como explicar esse reflexo, essa inclinação irresistível que nos impele a procurar o arcaísmo em todas as suas formas, a ponto de ignorarmos, voluntariamente ou não, o que toca de perto ou de longe a modernidade? É como se sentíssemos um perverso prazer em fabricar diferenças.? (GRUZINSKI, 2001, P.25)

Gruzinski se assustou com uma Algodual de 27 anos atrás, que em uma primeira impressão, correspondia ao que ele esperava (local arcaico e rústico), imagino que o historiador francês infartaria com a Algodual de hoje em dia.



Figura 16 - Encontro no Bar da Pedra - Fonte: Página Algodual Magia.

O registrado acima captado em uma estação de alto veraneio, demonstra não apenas o encontro de pessoas de várias culturas, povos e regiões do Pará

e do mundo, indica também o encontro entre marcas (vide: bonés, marcas famosas, smartphones, e os moradores de Algodoal, que estão por aí, nessa multidão, como se fossem o desenho *Procurando o Wally* – geralmente, os moradores são os que estão prestando serviço de barman, garçons, vendedores ambulantes.

Gruzinski prossegue o capítulo apontando uma explicação para o fenômeno que vira em Algodoal: a mestiçagem, a mistura. Uma transformação da cultura a partir da interculturalidade.

O texto de Mário de Andrade nos convence de que o que assume as aparências da incoerência pode perfeitamente ter um significado, e que é no coração da metamorfose e da precariedade que se aloja a verdadeira continuidade das coisas.
(GRUZINSKI, 2001, P.28)

Na presente dissertação, a metamorfose mencionada por Gruzinski assume em muitos momentos sinonímia com o termo chave da problematização que fizemos: a adaptação da cultura em Algodoal e Fortalezinha. A adaptação é uma metamorfose, pois muda o estado primeiro do objeto. No caso da adaptação, o objeto não é inócuo; participa ativamente do processo. O que me faz supor que foram essas adaptações da cultura local em sua convivência com as culturas transitórias que geram desconforto em Gruzinski.

Canclini diria, perante um Gruzinski (GRUZINSKI, 2001) estarecido por ser “agarrado pelas avenidas mortais da capital parisiense” em Algodoal, que as metamorfoses da cultura ocorrem porque a cultura é dinâmica, ou seja, não há uma cultura estanque. Uma comunidade pode ou não se dar conta das mudanças (sutis ou violentas), mas elas ocorrem, são como um rio que não se pode represar, sob risco de um atraso social – até os povos originários não tem hoje as tradições originárias. Por culpa dos portugueses? Dos brancos? Em parte, sim; em parte, sucederiam naturalmente. Aliás, daqui a trinta anos, nem você repetirá tal e qual os costumes passados pelos seus pais.

Com a cultura, o objeto tradicional da Antropologia, acontece o mesmo que com os objetos das comunidades que esta ciência estuda: ao passarem de um lado a outro da montanha, os elementos mais cotidianos, a água ou o sol, mudam de nome. Também os fatos culturais, presentes em todas as sociedades, trocam de nome ao sabor da disciplina que estamos visitando. O estudante que se inicia no seu conhecimento se depara com o fato de que o que os "indígenas" de uma ciência chamam de sistemas simbólicos, os de outra chamam de signos, ou ideologia, ou comunicação, ou ainda de imaginário. (CANCLINI, 1982, P. 17).

Ao abordar as manifestações da cultura popular, Canclini nos apresenta a cultura como um sistema de produção (CANCLINI, 1982). Independe se for dominante ou popular, dentro desse sistema, a cultura está sujeita às influências do capitalismo, uma vez que os produtos culturais fazem parte de uma economia da cultura (CANCLINI, 1982). Desta forma, a própria necessidade de atender a um público consumidor, ocasiona adaptações no próprio significado do produto cultural: “O deslocamento do sentido social do artesanato, quase fatal toda vez que o desenvolvimento capitalista o subordina à sua lógica [...]” (CANCLINI, 1982, p.82).

Gruzinski apontou a influência exógena ao citar o exemplo das televisões dos moradores de Algodão:

“Toda noite, o telejornal da Rede Globo despejava suas imagens de sangue, riqueza e escândalo. Naquele início do mês de setembro de 1997, a morte da princesa Diana alimentava os sonhos insulares”. (GRUNZINSKI, 2001, p. 24-24)

A mesma influência exógena, agora com nome aos bois, foi apontada por Canclini para explicar as mudanças trazidas pelo que ele chamou de Floresta de mercadorias:

A subordinação material e simbólica da vida camponesa diante do regime capitalista, o incentivo do consumo burguês e

proletário através dos meios de comunicação de massa, o turismo e os relatos dos migrantes reorganizam a vida cotidiana: tanto o conjunto de objetos reais que povoam há séculos as habitações tarascas como o universo simbólico de bens desejados, alheios, em termos dos quais se vai alterando o significado do artesanato. Mesmo quando os camponeses não podem comprar a maior parte do que é exibido nos supermercados ou anunciado na mídia, esta floresta de mercadorias e símbolos ingressa no cenário das suas referências. (CANCLINI, 1982, P. 94)

Canclini discorre que esta Floresta de mercadorias é a gama de produtos e interesses que o mercado oferece para comunidades indígenas, campestres, e – acréscimo meu – as insulanas, e outras, de pequena dimensão, onde se pratica a cultura popular. Um estímulo surgido por intermédio de diversos mecanismos: o turismo, os relatos de imigrantes, o consumo burguês, o regime capitalista, os meios de comunicação).

As metamorfoses de Gruzinski e a Floresta de mercadorias de Canclini apontam para mudanças culturais como processos irrepressíveis, e que existem mediante um tensionamento com o global, com o capital, e com o – novamente, acréscimo meu – ideal do turista que acaba por afetar a identidade cultural do vagabundo, gerando adaptações em sua cultura.

Considerarei as problematizações apontadas por Gruzinski e Canclini pertinentes e relacionadas ao tema desta dissertação, por esta causa, comporão o acervo bibliográfico da pesquisa.

2.5 DIFERENCIAL DA PESQUISA

O presente trabalho aborda um ângulo inédito e necessário sobre Algodoal e Fortalezinha: as adaptações da cultura que essas duas vilas têm apresentado como uma consequência da relação entre o morador e os turista, ou utilizando a metáfora de Bauman, entre o Turista e o Vagabundo.

É um trabalho que aponta para a necessidade de Turista e Vagabundo buscarem conhecimento sobre o processo de ganho e perda presentes em uma adaptação cultural, especificamente, as que ocorrem em um contexto de turismo. Com essa base de discussão, este trabalho poderá ser objeto de consulta e pesquisa bibliográfica para outros trabalhos em comunidades tradicionais, que estejam enfrentando os mesmos processos de mudanças vistos em Algodual e Fortalezinha.

CAPÍTULO 3: ITINERÂNCIAS DE UM PESQUISADOR EM UMA ILHA DA AMAZÔNIA

3.1 Oeste de Maiandeuá



Figura 17 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Passo a relatar o período de três dias em que realizei pesquisa de campo na ilha de Maiandeuá, especificamente, na Vila de Algodal (com alguns atravessamentos para a Vila de Camboinha).

Esprei ser recebido pela Princesa, mas conforme relatos recentes, devido ao barulho dos turistas, ela se mudou para uma região afastada da vila. Fui recebido por uma versão mais europeia da Princesa, uma escultura em moldes gregos, que adorna a praça da Princesa, localizada em frente a uma pousada bastante conhecida de Algodal.

Para a viagem até Algodal, optei por seguir a rota mais utilizada para acesso à Maiandeuá: o trapiche de Marudá, no município de Marapanim; uma pequena jornada de cerca de meia-hora, via embarcação conhecida como “Pô-pô-pô”. Um dado interessante é que a maioria dessas embarcações são conduzidas por jovens timoneiros, moradores de Maiandeuá.



Figura 18 Acervo de Franciortlis Freitas Viana

Pela primeira vez, durante a travessia, não dediquei atenção para a paisagem, os flamingos ou os botos, e sim, para o timoneiro e seu ajudante. O primeiro, um senhor com aspecto de quarenta anos; o segundo, um jovem debutante da vida. Apesar de o barulho quase ensurdecador do motor, pude escutar frações dos diálogos entre ambos: assuntos rotineiros, apresentações

culturais na ilha, a filha de não sei quem se casou com não sei quem, outros. A rotina da vida em meio a quebra de rotina dos mais de 20 turistas no interior do Pô-pô-pô.

Foi significativo para mim, esse pequeno exemplo de observação da vida nativa em contraste com o desejo turístico de consumir, fotografar, instagramar, usufruir da natureza, dos serviços hoteleiros, dos bens culturais, e, no processo, invisibilizar os dilemas locais.

Aportei na Vila de Algodal, o antigo terminal hidroviário estava derrubado, e, ali próximo, um novo estava em construção; como um sinal dos novos tempos para a ilha. No outro extremo, Fortalezinha avançava em tecnologia com a iminência da chegada da internet de fibra ótica – o que ocorrera cerca de seis meses depois da minha visita. Observei várias reformas, construção de casas e/ou imóveis comerciais, uma impressão de “canteiro de obras”. E de fato, os deslocamentos subsequentes pela ilha me mostraram um território em constante mudança, são casas particulares, espaços comerciais, novas pousadas, e até um novo velho vilarejo (a Vila de Nazaré), onde a população local está construindo moradias. Segundo apurei junto ao Historiador, a Vila de Nazaré deu origem ao povoamento de Maiandeua em idos remotos, posteriormente, os moradores se distribuíram por Maiandeua, deram origem às vilas atuais, e Nazaré deixou praticamente de existir, até o presente movimento de repovoamento do perímetro onde houve a vila inicial.



Figura 19 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Próximo do ponto de desembarque – e com condutores atentos aos movimentos dos turistas -, avistei as famosas charretes de Algodual. Todas são identificadas com nomes de carros importados, como Mustang, Ferrari, Porsche outros. Registrei no bloco de notas do celular a seguinte observação: “Avaliar se a decisão dos carroceiros de nomear as charretes com nomes de automóveis é uma adaptação cultural realizada com o intuito de familiarizar o turista, um ato de bom humor, ou uma ironia em face de veículos motorizados serem proibidos na Área de Proteção Ambiental”.

Ao longo dos anos (com significativo aumento nestes últimos cinco), as charretes de Algodual sofrem críticas e pressões por parte de turistas, associações de proteção aos animais e órgãos públicos, para adequações e mudanças na forma e período de trabalhos de cavalos e burros utilizados nesse serviço prestado ao turista. Em 2013, o Ministério Público do Estado do Pará celebrou Termo de Ajuste de Conduta (TAC) com os carroceiros. Implementou-

se uma série de medidas que alterou inclusive o cenário de chegada à vila, pois agora há um espaço coberto que serve de entreposto para descanso dos animais e bebedouro.

O Ministério Público do Estado do Pará (MPE) firmou um Termo de Ajuste de Conduta (TAC) com os carroceiros da Ilha de Algodoal, no município de Maracanã, no nordeste do estado, no início deste mês. No termo, o grupo de trabalhadores se compromete a respeitar uma série de condições para o tratamento digno dos animais utilizados para puxar carroças. (PORTAL DO G1, 2013)

Suspeita inicial ao me deparar com as mudanças infraestruturacionais para os serviços de charrete em Algodoal: embora a importante proteção animal esteja sob holofote, o “incômodo” nasceu de forma exógena, e ganhou força para provocar uma adaptação cultural em Algodoal. A questão da adaptação é que, não raro, ela vai além do proposto. Para agradar turistas mais engajados nas defesas dos direitos dos animais, surge em Algodoal a figura da carroça com tração humana. Presenciei quatro moradores de Algodoal transportarem as bagagens de turistas em cima da carroça. Claramente, é a troca do animal pelo humano para adequação ao politicamente correto. Friso que não estou entrando no mérito do melhor para os cavalos e burros que puxam as charretes, meu foco é o fenômeno da transformação do estado das coisas. Antes dessa pressão exógena, havia charretes e animais, após, há charretes, animais e humanos de carga; se fosse arriscar um futuro, diria que haverá apenas carroças e humanos de carga, ou como mostrarei à frente com o exemplo da Vila de Fortalezinha: carroças, humanos e veículos motorizados.



Figura 20 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Não utilizei a tração animal, nem a humana de carga, fui a pé. Na subida para a pousada onde me hospedaria, encontrei um monumento típico de cidades: um monumento em concreto, estilizado e luminoso com a identificação: Ilha de Algodoal. Meu Instagram gritou de felicidade. Um local para fotografias que me permitia transmitir a mensagem para o mundo, que eu estava em Algodoal, a Ilha da magia. Ninguém soube me informar a data exata em que o Poder Público de Maracanã instalou aquele monumento, mas ele está lá, como um moderno Colosso de Rodes, igual a tantas outras cidades do Pará e do Brasil... Mas, Algodoal é uma cidade!? Gravei um áudio-nota curto, que ora transcrevo: “este monumento existe porque Algodoal é um polo turístico; não fosse desta forma, não haveria necessidade deste monumento, posto com o propósito de alimentar redes sociais, fotografias de viagem e souvenir para a memória afetiva, mais do que para exaltar a identidade local”.



Figura 21 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Compromissos agendados para os dois dias em Algodóal: entrevistar dois moradores da Vila de Cambóinha (vizinha de Algodóal), entrevistar moradores em Algodóal, e me reunir com um grupo de moradores, artesãos e escritores com fins de colaborar com projeto cultural desse grupo.

Como minha chegada ocorreu perto do lusco-fusco, ou como se diz no Pará “à boca da noite”, não houve tempo hábil para percorrer toda a vila. Dedique-me a me acomodar em uma pousada, por sinal, de propriedade de uma das entrevistadas, a moradora Ativista; senhora de 56 anos, natural de Algodóal, que morou por muitos anos no estado de Santa Catarina, mas que regressou há cerca de quatro anos para Algodóal, com fins de administrar a pousada da família, negócio antes tocado por seu pai, pessoa falecida. Interessante que a irmã da Hoteleira reside na França, é muito ativa nas redes sociais, sempre com ideias progressistas para o setor turístico de Algodóal, não raro, manifesta o desejo de que Algodóal se torne semelhante a outros pontos turísticos do Pará, como Salinas e Bragança. Ativista é uma ativista cultural, e transmite desejo de

fortalecer a cultura local, e, claro, busca com isto um atrativo para o setor turístico.

Percorri a área central de Algodual, marcada pela existência de uma praça, ambiente muito frequentado, rodeado por lanchonetes, bares, mercado e uma casa de show.



Figura 23 Acervo de Franciorlis Freitas Viana



Figura 22 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

A priori, a casa de show – na realidade, trata-se da sede do São Pedro, Associação dos Pescadores de Algodual - me pareceu um interessante objeto de pesquisa, a ser integrado ou descartado ao longo dos estudos, pois é um espaço que destoa dos demais ambientes de festas de Algodual, que priorizam a música regional como o carimbó (exemplos: Casa do Carimbó, em Fortalezinha; Mupéua, em Algodual). A casa de shows oferece bailes de música eletrônica, com as famosas aparelhagens.

Visitei na mesma noite o Mupéua e a casa de shows. Coincidentemente, situam-se em uma posição diametralmente oposta, distante menos de uns 500 metros. No Mupéua, havia apresentação de banda local de carimbó, e o público presente era um misto de idosos, jovens e adolescentes. Na Sede São Pedro, um público jovem, mais numeroso, e sem muita presença de moradores; segundo apurei, o local é frequentado mais por turistas.



Figura 24 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Propositalmente, puxei conversa com moradores sentados na praça, com vendedores de comida típica, com carroceiros, com pescadores, com mulheres, idosos e outros. Agi como um turista curioso – arquétipo com o qual os moradores estão acostumados, diga-se de passagem. A cordialidade e comunicabilidade foram características fortes dessas conversas. Em uma primeira olhada, tal comportamento pode denotar sociabilidade (e não deixa de ser). Mas o desejo de fazer com que eu me sentisse familiar, íntimo, existiria como um traço da identidade local, caso Algodoal e Fortalezinha não fossem pontos turísticos, e houvesse a necessidade de fidelizar o turista para que retorne, consuma, e atraía mais turistas? Digressionei que eu não voltaria a um lugar onde as pessoas tivessem sido introspectivas ou desagradáveis.

Anotei a seguinte observação: visitei inúmeras localidades que não dependiam do turismo para sobrevivência, e o grau de receptividade foi menor, mais pessoas preferiram a indiferença e o afastamento de contato, seja verbal, seja visual.

Considerarei que a sociabilidade é um traço interessante da identidade local adaptado pela presença do turista.

Fim das andanças e conversações do primeiro dia, pés cansados de dançar no Mupéua, anotações e mais anotações, fui dormir, cedo haveria a travessia para a Vila de Camboinha, e no período da boca da noite, entrevistas.

Na manhã seguinte, dirigi-me ao denominado trapiche dos pescadores, uma espécie de furo entre a Vila de Algodoal e a Vila de Camboinha, travessia de menos de dez minutos, realizada por intermédio de um pequeno barco motorizado para entrevistar os moradores Professor e Poeta.

A Vila de Camboinha é pequena e não conta com infraestrutura para o turismo de massa, embora seja vizinha imediata de Algodoal, não costuma atrair a atenção dos inúmeros veranistas que transitam em Algodoal – a prima rica. Camboinha é conhecida (entre os Maiandeuenses também) como uma vila de pescadores, pois, historicamente, grande parte dos seus moradores se dedicam à pesca.

A primeira visão da chegada à Camboinha são seus barcos, utilizados para a pesca, e, eventualmente, para o transporte dos moradores e de visitantes.

Não há trapiche ou terminal hidroviário, desembarca-se em quintais de moradores ou em frente a uma praça. Ida e volta dependem de acordo com pescadores que, ocasionalmente, estejam com viagem para Algodual.

Aportei praticamente no quintal do Professor, que reside em Maiandeuá há mais de uma década, com sua esposa, e realiza atividades de docência na Escola de Ensino Fundamental Maria de Lourdes Ferreira.

O Poeta, também professor da Escola Maria de Lourdes, veio ao nosso encontro.

Antes de iniciarmos o diálogo gravado, e a aplicação do questionário dos indicadores antrópicos, resolvemos caminhar por algumas vias da vila, para que meus anfitriões me ambientassem.

As ruas de Camboinha lembram mais trilhas, e os imóveis são, em sua maioria, construídos de materiais como madeira e barro, avistei poucas casas de alvenaria – isto decorre do encarecimento do transporte de materiais, feito por vias fluviais.



Figura 25 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Ao longo da caminhada, ocorreu o diálogo no qual o Professor se queixou sobre a mudança da linguagem dos jovens da ilha, que estariam adotando um linguajar estrangeiro, e perdendo a palatalização típica da ilha, de modo geral, do povo paraense.

Em minhas anotações, observei isto: assim como a cordialidade e sociabilidade, essa indexação de sotaques e gírias cariocas são adaptações culturais que os insulanos parecem utilizar como mecanismo social para gerar familiaridade com o turista, o que redundará em benefícios econômicos; que não se limita apenas à subsistência. Os moradores demonstram ter interesse em uma vida mais confortável, com acesso ao melhor que o sistema capitalista oferece. Ao longo desta primeira visita, vi muitos jovens, adultos e idosos com celulares de última geração em mãos. Não cito como uma surpresa, e sim, como um indicativo de que “o mundo” chegou até Maiandeuá, e os estereótipos que o turista possui antes de ir à ilha, não se blocam mais com a realidade. A questão é: até que ponto essa presença do turista trouxe junto uma mentalidade mais consumidora para a Ilha da Magia? A mentalidade de subsistência não me parece existir como mote das comunidades da ilha, e sim, repito, uma vida melhor. Não é questão de sobreviver, mas de viver. Portanto, Maiandeuá não pode ser considerada território de miserabilidade social, há moradores com renda baixa, com boa renda, e há ricos (a rigor, donos de pousadas, bares, que passam temporadas na ilha, mas mantêm uma segunda residência em outras cidades). A ilha tem, inclusive, um representante próprio na Câmara Legislativa. No fronte político, tem despertado interesse de muitas autoridades; nos últimos dois anos, o próprio Governador do Pará visitou a ilha, com toda a sua comitiva. Além de artistas nacionais que vira e mexe fazem visita relâmpago em uma das quatro vilas, em especial, Fortalezinha.

Visitamos a residência de um morador renomado de Camboinha, um compositor e cantor de carimbó: Mestre Camaleoa, 80 anos de idade, amigo e companheiro do Mestre Chico Braga.

Mestre Camaleoa se encontrava enfermo, em uma rede, no segundo compartimento (de dois) de um casebre de barro. Lúcido, Camaleoa fez algumas brincadeiras, reclamou sobre um predomínio do tecno brega no gosto popular,

em detrimento da valorização do carimbó. Não quis prolongar o diálogo, em face da saúde debilitada dele. Infelizmente, em um mês, faleceu.

O Poeta me apontou diversos terrenos que foram vendidos recentemente para moradores de fora da vila, o que indica que a Vila de Camboinha experimentará um crescimento populacional nos próximos anos.

Após nossos périplos pela Vila de Camboinha, regressemos ao imóvel do Professor, e iniciamos a aplicação do questionário dos indicadores antrópicos, ao tempo que apliquei o questionário, instiguei diversos assuntos relacionados mais diretamente ao objeto da pesquisa.

Ainda, de volta à vila de Algodoal, entrevistei Monza, que trabalha como charreteiro.

Muitos assuntos que foram tratados serão abordados durante o capítulo de análise, mas destaco que a todo tempo houve manifestações por parte dos entrevistados acerca das mudanças culturais que as vilas de Fortalezinha, Algodoal, Camboinha e demais estão a sofrer com o advento do que chamaram de “novos tempos”, que seria um período em que as comunidades, em especial, Fortalezinha e Algodoal, mudam antigas tradições em prol de um ritmo de vida voltado para atender aos turistas.

Mas são poucos de Algodoal. Porque o que nós percebemos é que há uma certa..., um saudosismo do que era antes. Se você falar pra uma pessoa em Algodoal, você lembra das..., como era o 7 de setembro aqui? Nossa, era muito bonito. Tinha o Dom Pedro. Primeiro tinha a Princesa Isabel, vinham os escravos. Ainda rola uma lágrima, né? É que eram cortejos realmente patrióticos. Se contava a história [...] E eles tinham prazer de quem? Quem? Quem, quem, viesse como Dom Pedro naquele cavalo. Era como uma apoteose em relação ao Carnaval do Rio de Janeiro. Quem que vai ser homenageada naquele momento? O Rei Momo, digamos assim, um exemplo? Aquele que está ali, é, é, se configurando como tal. E porque na ilha ele é muito importante, ou era mais belo ou era o mais rico,

né? Então havia isso, isso, isso eu ouvi muito quando ministrei aula ali, ali, em Algodual [...] tem também naquela principal, onde tem as palmeiras lá, que andar, que corria um cavalo, um cavalo branco que aparecia do nada, ele simplesmente aparecia e sumia. E quando as pessoas mais velhas falam isso, poxa, vem a lágrima também. Então a gente percebe que se perdeu muito e se perde muito. Do que foi esse saudosismo de você estar na frente das suas casas com a lamparina, contando histórias? [...] Como foi a pescaria, como foi a um namoro, o que passou, como foi a lua, como foi a maré, como foi a plantação, enfim, todos se reuniam.

A Amazônia é marcada pela oralidade, e a forma mais comumente utilizada para a transmissão de saberes sempre foi a contação de histórias, geralmente, dentro do núcleo familiar. O relato do Professor aponta para uma mudança cultural que tem afetado toda a nossa região amazônica, muito por causa do advento das redes sociais. Algodual e Fortalezinha têm um agravante significativo: a movimentação turística é frenética até tarde da noite, em particular durante a alta temporada. As duas vilas respiram turismo, e mesmo as menos turísticas (Mocoóca e Camboinha) são afetadas. Durante os dias que estive na ilha, vi os moradores em um ritmo acelerado, e poucas residências não apresentavam em sua fachada alguma placa de: pousada, redário, comércio, lojas, bares, ateliês, outros. Portanto, em Algodual e Fortalezinha, além da competição com o mundo digital, há a falta de tempo. As rencas de turistas consomem desde a hospedagem até o tempo da velha e boa contação de história. Sem esta, para onde se mudarão os seres fabulosos da mitopoética local? Por exemplo, o cavalo branco que aparecia do nada pela via principal de Algodual? faz tempo que não é visto, ou porque se cansou do agito e do barulho, ou porque os moradores estão ocupados demais com vendas e atendimentos ao público, e o pobre cavalo branco se cansou de cavalgar sem ganhar atenção – cuidado, que um dia podem te por uma cela, e virares um puxador de charrete!

As ações do domingo foram uma devolutiva para a comunidade de Algodual. Reuni-me com um grupo de seis moradores (artistas e hoteleiros) para

a discussão da criação de uma feira cultural em Algodual, que agregaria participantes de todas as demais vilas.

A reunião que deveria ser rápida, prolongou-se por quase todo o período da manhã. Aproveite-me do clima descontraído, e solicitei permissão para gravar em áudio nosso diálogo. Uma decisão acertada, pois os assuntos sobre as adaptações culturais fluíram com naturalidade; entre as quais, a adaptação que o famoso Lago da Princesa sofreu para se manter como ponto turístico, a meu ver, um exemplo emblemático de como a relação turista e vagabundo tem afetado a identidade cultural de Algodual.



Figura 26 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Com relação ao evento da feira cultural, o grupo decidiu que se chamará Feira da Princesa, e que contará com barracas de produtos de artesanato, livros e outros. Ainda, fundarão uma associação para organizar o evento, a: Associação de Moradores Artistas da Ilha de Algodual/Maiandeuca – AMAIM. Como medidas iniciais, os interessados criaram um grupo de WhatsApp para troca de ideias, e uma logo para a AMAIM.

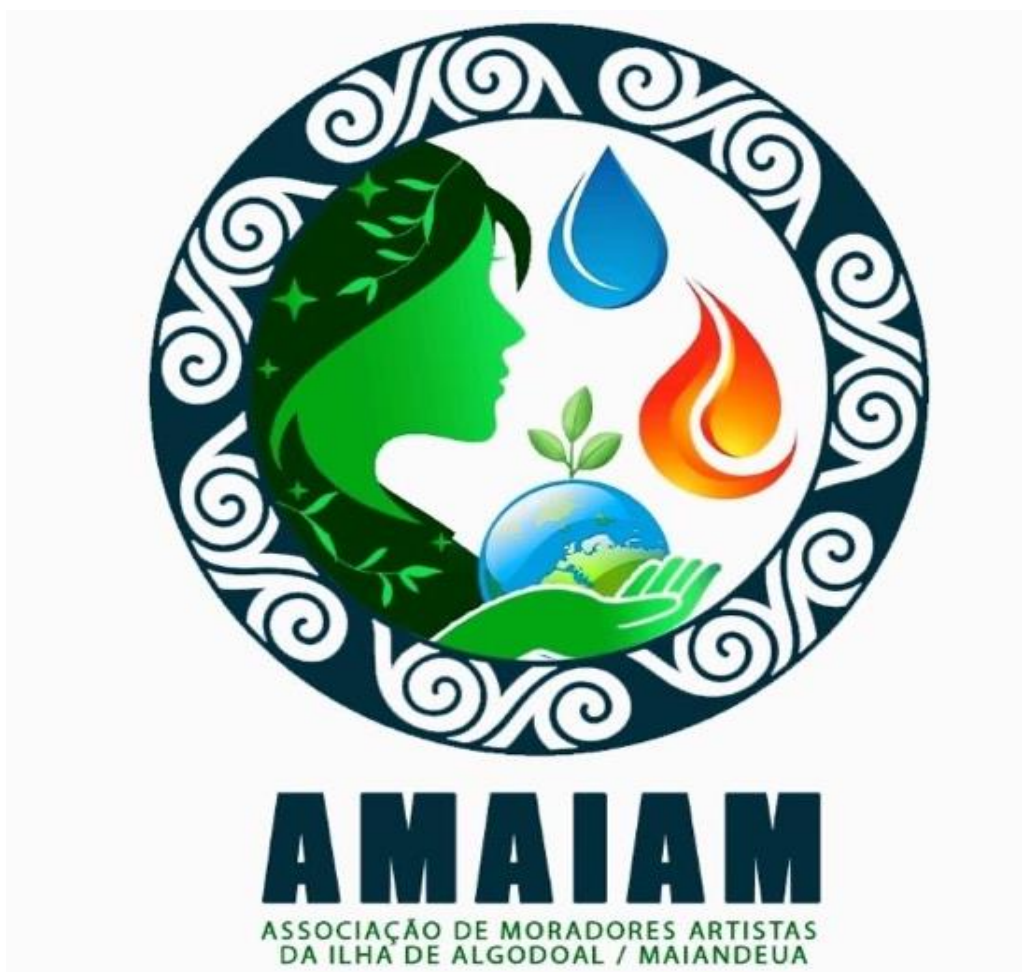


Figura 27 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Após a reunião, percorri as vias principais da Vila de Algodóal, efetuei alguns registros fotográficos, anotei novas observações, entrevistei o Historiador, e me despedi da ilha. Hora de voltar para minha cidade. Encerro o relato do primeiro contato, na pele de pesquisador, com Algodóal/Camboinha. Escreverei um clichê, mas tem seu valor: o primeiro contato é sempre marcante, mesmo que as demais visitas (e retornei ainda em dois momentos à Algodóal – 10 a 11 de setembro 2022 e 11 a 12 de novembro de 2023) tenham me apresentado dados mais significativos para a pesquisa.

Eis um trecho da fala do Historiador, para borbulhar a mente de quem lê-lo:

Entrevistado: *disse que na maré entrava...*

Historiador: *a maré, vinha água de grande vinha transbordava para o lago*

Entrevistado: *água salgada?*

Historiador: *Água salgada. Quando a maré recuava, o lago continuava doce, não mexia na propriedade da água, na salinidade da água,*

Entrevistado: *começou a assessorar naquela erosão. Cumé que é? Por que que acabou O lago?*

Historiador: *Ali não tem ali uma quadra de erosão ali naquela área, ali foi simplesmente foi acabando. Os mais antigos falam por causa do... quando começou a vir os turistas, começou a incomodar a Princesa...*

3.3 Sul de Maiandeuá



Figura 28 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Para chegar à Vila de Fortalezinha, evitei a rota aquática a partir de Algodoal, optei por perfazer o caminho por Maracanã, a partir da Vila 40 do Mocoóca. Para acessar essa vila, percorri a Rodovia PA – 430, exatamente para me situar sobre as condições dessa estrada que pode ser, em um futuro breve, um acesso automobilístico à ilha.

Durante muitos anos, rota pelo 40 do Mocoóca foi pouco atrativa devido ao seu estado esburacado e não pavimentado, mas a criação da PA-430, que liga Magalhães Barata a Maracanã trouxe um potencial interessante para o turismo, pois o Governo do Pará entregou uma rodovia asfaltada e bem-sinalizada. Segundo moradores que interroguei, o fluxo de carros aumentou bastante desde então. Uma das vantagens é que a travessia do trapiche do 40 do Mocoóca para a Vila do Mocoóca leva em torno de cinco minutos (Marudá – Algodoal, leva 30 minutos, e de Algodoal para Fortalezinha, uma hora), e a maré costuma ser calma, com menos sustos para os turistas. Entre os moradores, fala-se ainda sobre uma sonhada e esperada ponte entre as duas vilas que levam o nome Mocoóca, isto dinamizaria ainda mais o turismo.

Comprovei que a rodovia se encontra em boas condições de tráfego, e, embora mais distante da capital, o tapete asfáltico funciona como um peso extra na balança na hora de optar por um acesso, principalmente, à Vila de Fortalezinha.

Não foi apenas a rodovia PA-430 que trouxe um vigor para o turismo de Fortalezinha, a chegada de internet por fibra ótica colocou-a no mapa da parcela significativa dos turistas que não desistem de estar conectado durante seus veraneios. Auferi que a expectativa de moradores, em especial, dos hoteleiros, é que Fortalezinha se torne competitiva em angariar turistas tanto quanto sua prima rica, Algodoal.

As Vilas de Mocoóca e Fortalezinha são adjacentes e com fronteiras pouco distinguíveis; Mocoóca possui extensão territorial menor, e perdeu uma área de praia devido a mudanças climáticas. Geralmente, os turistas passam, ou se hospedam em Mocoóca (meu caso), mas frequentam a praia de Fortalezinha.

Diferentemente da pesquisa realizada em Algodoal e Camboinha, desloquei-me com poucos agendamentos de entrevistas, jamais havia estado

nesse lado da ilha, não conhecia ninguém. Mas foi uma experiência interessante, porque me vi como andarilho nas duas vilas, puxando assunto aqui e ali, e conhecendo a realidade local.

Mocoóca e Fortalezinha se mostraram os locais onde mais consegui aplicar o questionário dos indicadores antrópicos e manter entrevistas mais alongadas; crédito essa performance melhor ao fluxo menor de turistas nessa região, isto possibilita que haja menos moradores dedicados a atividades de prestação de serviço e, por conseguinte, com tempo para escutar e falar, ou seja, um cenário diferente da concorrida Algodual. Mas não me dei ao luxo de ser ingênuo, o turismo de massa e o consumismo se espraiam, pouco a pouco, por essas duas vilas. Encontrei fortes indicativos, por exemplo, uma pousada de grande porte em construção na chegada à Mocoóca; até este momento, as pousadas de ambas as vilas possuem como marcas a simplicidade e rusticidade. Um empreendimento como a nova pousada que vi certamente tem em mente o turista com maior poder aquisitivo.

Ainda relacionado a grande pousada, escutei do morador Pescador da Margem (por ter fixado residência exatamente na margem de chegada à Mocoóca) um caso icônico sobre o citado empreendimento.

Há cerca de seis meses antes da minha chegada, os moradores da costa assistiram a uma cena que chamou a atenção pela grandiosidade do objeto: A travessia de uma piscina com grandes proporções. A rigor, as piscinas das pousadas de ambas as vilas são trazidas a reboque pelos barcos que fazem o transporte de turistas. A piscina em questão dispensou reboque, e foi atravessada como se fosse uma embarcação. No interior da piscina, seis homens remaram em direção à Mocoóca, e, conforme o Pescador da Margem, ainda foram necessários 20 homens para carregar a piscina até ao terreno onde a grande pousada está em construção. Achei interessante que esse caso é citado com ares de espanto, em tom de lenda – escutei sobre essa travessia da piscina ainda em Algodual. O que significa que a história percorreu a ilha toda.

Anotei em minhas observações antrópicas que a piscina da grande pousada é um símbolo de um tempo diferente para Mocoóca e Fortalezinha: a chegada a valer do turismo de massa com as fraturas e problemáticas que afetarão cada vez mais a identidade cultural de ambas as vilas. Um turismo que

trará maiores ganhos de vida, mais renda, por outra parte, já se vê, montará sobre os ombros dos moradores (assim foi o transporte da piscina), e trará o tempo da simples conversação e troca de saberes oral; quicá, em dez anos, outro pesquisador não encontrará moradores com tempo para responder a questionários antrópicos e quaisquer perguntas, pois “tempo é dinheiro”, não é?

O Pescador da Margem aponta para esse *boom* do turismo em processo acelerado de chegada:

Aquí é início, isso aquí era pouca, pouca, pouco a pouco, a pouca gente aquí, de uns cinco anos pra cá é que... Não tinha ninguém quase aquí. Ontem, eu estava contando um pouco da história de 20 anos quando eu cheguei aquí, só tinha essa rua aquí, só! Eu dava a volta. Eu tenho terreno lá..., já é praticamente a penúltima casa minha lá e eu vinha por lá, senão tinha que passar pelos quintal [...] Tinha casa aquí, mas bem, porque não tinha rua, né? A gente passava pelo poder do quintal dos outros e eu pra evitar isso, eu vinha por lá passar. Só tinha essa rua aquí, e agora, desenvolveu de repente, por causa das pousadas que tão vindo, da estrada, apesar de que a estrada tá bem recente, mas o projeto já existia, né? Que vinham fazer, vinham fazer, e aí começou a crescer, tá?

Neste primeiro dia, preferi não entrevistar nem um morador. Andei pelas duas vilas, ambientando-me. Diferentemente de Algodoal - que possui ruas e travessas densamente povoadas -, Mocoóca e Fortalezinha cresceram às margens de uma rua principal, povoada, e com algumas travessas (que mais lembram trilhas), porém, com poucas residências.

Chamou minha atenção, um monumento em cimento com o nome de Fortalezinha, situado na única praça da vila (também ponto de partida para a praia). O monumento me recordou o de Algodoal, e possui a mesma finalidade: tornar a experiência dos turistas mais instagramável. Pus em minhas observações como objeto de análise conjuntamente com o de Algodoal.



Figura 29 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Na referida praça, visualizei a imagem mais inusitada de todas as minhas viagens de pesquisa à Fortalezinha: cerca de dez motocicletas estacionadas debaixo de uma árvore, e seus condutores em roda de conversa, à espera de clientes. Sim, os turistas de Mocoóca e Fortalezinha contam com serviço de mototáxi. Trata-se de um trabalho “clandestino”, pois a Portaria 453 de 21/04/2015, do Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará (IDEFLOR) estabelece o seguinte:

Art. 1º Proibir o uso de veículos automotores terrestres na Área de Proteção Ambiental (APA) Algodão-Maiandeuá, com base nos estudos realizados no Plano de Gestão da Unidade que visam à preservação e à conservação dos recursos naturais, uma vez que este tipo de transporte afeta de maneira grave a saúde pública e o meio ambiente. (PORTARIA IDEFLOR, 2015)

Conforme apurei, existe uma movimentação no âmbito político, instigado pelos proprietários das motos, pela flexibilização da determinação do IDEFLOR, mas nada consubstancial, que proteja os condutores. O transporte das motocicletas é feito clandestinamente. E tais veículos são utilizados no transporte em trilhas, em particular, a trilha que liga Fortalezinha à Camboinha.

PESCADOR DA MARGEM: *Porque não pode entrar veículo, né.*

ENTREVISTADOR: *Aquí já começou, né? Pelo menos moto já tá entrando aí Não teve uma lei do município, aí, para eles começarem a usar?*

PESCADOR DA MARGEM: *mas tu sabes como é. A lei, ela ampara uma, uma parte, e desampara a outra. Aí, num, num., a lei do nosso país, meu amigo, é uma lei frágil, né? Ela ampara cara que tem, e desampara o pobre. Quer dizer que um pobre que sofre? É ou não é?*

ENTREVISTADOR: *Eles usam a moto aí pra quê? Pra mototáxi? Eles usam pra mototáxi?*

PESCADOR DA MARGEM: *É, nós temos que..., eles ficam fazendo, transitando, sabe como é? Não é? Porra, adoídado, aí tem, tem moto... chega aí, acelera. Parece que vai arreventando tudo.*

Ao ler o relato do Pescador da Margem, um desavisado qualquer poderia achar que se trata de uma grande urbe, das ruas agitadas de uma cidade como Belém, mas é uma unidade de proteção ambiental. um local que sempre existiu sem a barulheira e poluição de motores de veículos, que aprendeu a cumprir as tarefas do dia a dia com o uso de cavalos e burros, agora se rende às motocicletas. É prático? É. Simplifica a vida? Simplifica. Agiliza a locomoção? Agiliza. Proporciona um novo meio de sustento? Sim, principalmente. Agrada aos turistas? Acredite, sim. Enquanto estive observando, sentado na praça, vi muitos turistas utilizarem o serviço dos mototaxistas. A questão pertinente para

nossa pesquisa é: trata-se de uma adaptação cultural motivada também pela relação turistas e vagabundo?

Devidamente ambientado, e com alguns acordos verbais feitos no dia anterior, dediquei o segundo dia para entrevista com moradores, compreensão da realidade cultural das vilas, e registros fotográficos.

Entrevistei o Pescador ajudante, morador de Mocoóca, que reside na ilha há dois anos, e trabalha como ajudante de um dos proprietários de embarcações de Mocoóca.

Entrevistei o Timoneiro, natural de Algodual, morador de Fortalezinha, trabalha como condutor de um dos barcos conduz turistas entre a praça de Fortalezinha e a praia.

Entrevistei o Conterrâneo, morador de Mocoóca, proprietário de uma pousada.

Entrevistei o Vendedor, morador de Fortalezinha, há mais de dez anos, e que trabalha com vendas de lanches.

Entrevistei o Pescador da Margem, pescador aposentado, que relatou residir em Mocoóca há cerca de 78 anos, e afirmou ter acompanhado todas as transformações mais importantes de ambas as vilas.

Entrevistei o Ronco do Motor, trabalha como mototaxista na vila de Fortalezinha.

Fortalezinha e Mocoóca são vilas com menor infraestrutura em comparação com Algodual, contudo, a rodovia PA-430 tem provocado uma onda de entusiasmo com investimentos e construção de novas pousadas. Ambas as vilas são conhecidas por preservar a cultura raiz, digamos, *in natura*, conservadora das riquezas culturais de antanho. Pode ser, ou pode se tratar apenas da forma de se manter competitiva com a prima rica, pois enquanto Algodual seria a metrópole de Maiandeuá, terra de fluxo e refluxo de modernidades, Fortalezinha e Mocoóca seriam os bastiões da ancestralidade, da cultura imodificada.

Dediquei o terceiro dia para visitar um espaço histórico da Vila de Fortalezinha, e de toda a ilha de Maiandeuá: a fortaleza construída pelos padres

capuchinhos, que deu origem ao nome da Vila, e foi um posto de proteção, e observação daquela região de Maiandeuá.

Na pequena construção de pedras, os padres, posteriormente, alguns soldados, se protegiam de inimigos e de animais.

O local se encontra em ruínas, e tem sido utilizado como curral de porcos. Segundo moradores, o terreno onde a fortaleza foi erigida é atualmente objeto de disputa judicial.

A fortaleza de Fortalezinha é um exemplo de como a modernidade, com toda a sua fruição, não sabe conviver bem com o passado cultural e histórico.

Anotei para meu crescimento pessoal: A cultura muda porque mudamos, adapta-se porque às vezes é importante se adaptar para não desaparecer. As adaptações moldam a identidade cultural. Mas esse processo não deve ser desmemoriado e negligente com o percurso, seus legados, suas mensagens.



Figura 31 Acervo Franciorlis Freitas Viana



Figura 30 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

CAPÍTULO 4: EXEMPLOS PRÁTICOS DE ADAPTAÇÕES DA CULTURA EM ALGODOAL E FORTALEZINHA

4.1 O PROCESSO SOCIOTEMPORAL DA ADAPTAÇÃO DA CULTURA (OU O GATO DO MONASTÉRIO)

Neste capítulo apresento e discuto os objetos de análise que apontam para adaptações da cultura nas vilas de Algodal e Fortalezinha. As escolhas desses objetos ocorreram durante a pesquisa de campo, por intermédio das minhas observações e constatações, por indicação e direcionamento oriundos de moradores locais, e, sobretudo, a partir das entrevistas, onde os moradores, muito à vontade, narraram acerca de transformações percebidas na ilha, com relatos sobre a memória e história de ambas as vilas.

Com base nos relatos temporais apresentadas pelos moradores, pareceu-me descomplicado identificar algumas adaptações da cultura; o mesmo não posso dizer sobre a identificação da origem exata delas, o ponto de negociação que as acarretou. Como dito em outro capítulo desta dissertação: Maiandeuá não dispõe de muitos e acessíveis registros documentais de sua história, situação que me impulsionou a buscar na narrativa oral minha base metodológica, ou, conforme preconiza a Malha de Saberes:

[...] há o silenciamento de vozes e atos que pode ser revertido pela prática científica que busque o diferente e o diverso, no que, em nosso caso, a história oral se planta como uma solução metodológica”, (FERNANDES e tal, 2021).

e

Mas como aproximá-las e reconhecer que a ficção, enquanto versão e modelo, pode interagir com o que produzem os historiadores? Penso que o caminho natural seja a história oral, que concilia as duas pontas e as vê não como excludentes, mas complementares: o documento, o monumento e o sentimento,

este unicamente acessível pela narração oral das pessoas ditas "comuns", (FERNANDES e tal, 2021).

Para muitos círculos acadêmicos, a história oral, os saberes locais, o relato do morador não desfrutam de credibilidade em pé de igualdade com o conhecimento catedrático. Não raro, quando a fala do morador é utilizada, recebe pouco destaque, e figura com caráter ilustrativo. A Malha dos Saberes valoriza o diálogo de saberes, a história oral, a narrativa local, e o narrador como um coprodutor do conhecimento. Em minhas andanças por Algodual, topei com uma pintura, em um muro, onde o artista de codinome Cosptinta, mesmo sem conhecer os pressupostos da Malha de Saberes, concorda com a pluralidade dos saberes e suas importâncias.



Figura 32 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Consideremos uma analogia: conta-se que havia um monastério onde os monges se reuniam, em um mesmo horário, para meditar. Apareceu um gato, sabe-se lá de onde. O bichano miou e arranhou vários monges, acabou com o

sossego de todos. Repetiu-se por vários dias até que um monge decidiu amarrar o animal em um poste durante o período de meditações. Foi uma paz imensa. Desta forma, sempre que os monges iam meditar, amarravam o gato. O tempo passou, e a amarração do gato sofreu uma grande mudança de significado: tornou-se parte da liturgia. O momento da amarração do gato ao poste converteu-se em um ato central da cultura daquele monastério, sem o qual, os monges não encontravam paz de espírito para atingir à transcendência.

Passado muito tempo, um novo monge teve dificuldade para informar em que ponto o gato modificou a cultura do monastério, mas ele sabe que houve a interferência de um gato, ou porque há registro (e até mitos sobre o bichano), ou porque os monges mais antigos costumavam verbalizar vários relatos sobre o gato. Tal e qual, funciona a memória coletiva e a individual dos narradores de uma comunidade tradicional, onde a transmissão de conhecimento se dá por intermédio da voz, do corpo, da narrativa oral. Esse foi o cenário que encontrei nas vilas de Algodual e Fortalezinha.

Os objetos de memória encontram-se, via de regra, em duas instâncias, na memória corporal (dos sentidos) e na memória dos lugares (dos cenários): na associação dos sentidos com os espaços se dá o reconhecimento de que "o corpo constitui (...) o lugar primordial, o aqui em relação ao qual todos os outros lugares são o lá [...], (FERNANDES e tal, 2021).

O novo lago da Princesa é um dos exemplos de adaptação da cultura local que nem um dos moradores entrevistados soube precisar quando ocorreu – houve quem indicasse 20 anos, 30 anos, 60 anos –, mas foram unânimes em atestar sua ocorrência. Mencionaram também que os mais antigos (entenda-se morador acima de 80 anos de idade) costumam demonstrar enorme insatisfação toda vez que se omite o verdadeiro lago da Princesa em favorecimento do atual.

Esse daí né o Lago da Princesa verdadeiro, não. Esse povo que inventou isso. O Lago se acabou faz tempo. Meu pai contava que era a coisa mais bonita do mundo, um lago de água cristalina, que tinha água do mar e do rio, e ficava com o

fundo cheio de ostra, conchas e outras coisas que a água do mar trazia, quando enchia ele.

As palavras da moradora Ativista apontam para a existência de um outro lago da Princesa, que aparentemente revestiu-se de uma aura idealizada ao longo do tempo.

O Historiador confirma a fala da Ativista e esmiúça:

Ele era de água cristalina em alguns pontos, o povo conseguia ver muita coisa no fundo. Pedras bonitas, conchas. Só que não podia pegar, porque tinha..., era..., o lago era místico, então tudo levava a isso. Mas acho que há alguns relatos de pessoas que pegaram, que levaram, que foram acometidos de várias doenças, como febre, convulsões, relacionadas a..., por que não, não pedia permissão pra tirar do fundo do lago.

Está claro que ambos os entrevistados utilizam terminologias fantásticas para se referir ao lago da Princesa originário, e que, segundo o Historiador, existiu até a década de 40.

Antes de prosseguirmos sobre o lago original, é bom explicarmos sobre o lago atual.

Um ponto turístico muito procurado pelos turistas que frequentam Algodoal, o lago da Princesa é formado por água doce, de cor escura¹⁰, devido ao acumulado de águas da chuva. Há duas rotas para acesso ao lago: de barco, pelo furo de Algodoal; por um ramal situado após as pedras da Praia da Princesa, uma caminhada de cerca de 30 minutos (pode-se contratar charretes para encurtar o tempo). O local do lago não dispõe de infraestrutura, salvo, uma barraca de bebidas que funciona em alta temporada. O lago fica situado entre dunas, e rodeado de vegetação.



Figura 33 Imagem extraída do site Bora de Trip

Moradores com os quais travei diálogo de saberes apresentaram alguns relatos supranaturais envolvendo a Princesa, mas a maioria dizia respeito a experiências relatadas por turistas. Aliás, os turistas demonstram expectativas místicas com o lago. Ousei compartilhar com uma pessoa do meu círculo de amizades, que frequenta bastante Algodoal, sobre o lago da Princesa não ser o lago original, e recebi expressão de incredulidade, ainda, houve forte defesa de que mesmo que fosse verdade, o lago atual certamente contava com uma “energia espiritual”.

¹⁰ Por conta da decomposição das folhas que caem dentro do lago.

Eu mesmo jamais havia escutado sobre a existência de um lago original até a pesquisa de campo. Foi surpreendente. É impensável para o turismo a ideia de Algodual sem a praia da Princesa e o lago da Princesa.

O lago da Princesa ficava no furo, ali, naquele trecho aonde o povo pega os barcos pra atravessar pra praia. Era ali. Entrava um pouco pelo furo, logo ali perto era o lago da Princesa.



Figura 34 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Conforme o Historiador, o lago original sofreu erosão e foi soterrado pelas mudanças naturais das dunas, pois com os ventos fortes, é comum que as areias de uma duna escorram para áreas ao lado. Em algum ponto do tempo, um outro lago, afastado do furo de Algodual, conhecido até então como lago dos Paus, passou a receber a identificação de lago da Princesa.

Era o Lago dos Paus, que era usado porque tinha muito pedaço de pau lá dentro, e era propício justamente para atrair aquele que se esconde entre os paus.

A Ativista informou que um morador falecido, de nome José Cristo, foi um dos maiores divulgadores do lago dos Paus como o novo lago da Princesa, isso na década de 70. José Cristo era proprietário de um imóvel que recebia turistas; atualmente, os herdeiros dele administram uma das pousadas mais conhecidas de Algodoal.

O Historiador relaciona ao turismo a necessidade de manter a existência de um lago da Princesa:

Década de 70 pra cá, começo de 80, quando começa..., o pessoal começa a fixar bar na praia, porque aí já entra o atrativo do lago da Princesa. A gente ficava..., e o pra lá já era. Esse lago lá, que agora a gente conhece como lago da Princesa, é um up no turismo, né? Isso seria como o Igarapé da Nazaré do Centro. Alguma coisa nesse sentido começou assim: Tu vai lá no igarapé? Ali, do outro lado, lá, eu sei, acho que começou assim vai lá, lá eles fazem [...] Eu fui lá no Lago da Princesa e quem divulgou muito o lago da princesa nessa década de 70, 80, foi o pai da dona do Mitologia; o Senhor José Cristo. Ele divulgou o novo lago, ele começou a dar mídia.

Em seu dinamismo, a cultura sofre mudanças ao longo do tempo por muitos e variados fatores. Pode evoluir para um formato que preserva características da fase anterior, ou pode mudar tanto que nem parecerá decorrente de um determinado rito, tradição e costume. Pode também desaparecer quanto prática e apenas ser preservada em documentos ou na memória coletiva – o desaparecimento total também é uma possibilidade. No caso do lago da Princesa original, em um cenário onde o turismo não tivesse progredido ao ponto de ser tornar a principal economia de Algodoal, o que teria acontecido com o lago? Provavelmente, teria desaparecido e hoje estaria presente nas narrativas dos moradores como um elemento saudoso. Então,

entra o turismo de massa, chegam os milhares de turistas baumanianos com grandes expectativas para banhos no lago, para experiências místicas no lago, para quem sabe, avistar a Princesa em seu banho revigorante ao luar.

Busco na memória meu olhar de turista, o de antanho, aquele sem percepção ambiental, e digo que não conseguiria imaginar Algodual sem o lago da Princesa. A ausência do lago teria efeitos no turismo? Geralmente, localidades turísticas são tanto mais atrativas quanto mais atrações possuem. Disse-me o Poeta:

Tem períodos do ano que o lago da Princesa tá mais seco. Costuma vir menos gente quando é assim, pois o povo gosta de ir pra praia e dar uma esticada no lago.

O Historiador indica que a adaptação do lago dos Paus em um novo lago da Princesa ocorreu conjuntamente com a fixação de bares na Praia da Princesa:

O pessoal começa a fixar bar na praia, porque aí já entra o atrativo do lago da Princesa.

O cenário aponta para um turismo que não deixou o lago da Princesa desaparecer. Claro, posta a frase desta forma, parece que o morador foi mero expectador. É melhor reformular a frase, e expressar que os moradores de Algodual não deixaram o lago desaparecer por causa do turismo, mais, por causa dos benefícios econômicos que o turismo prometia – e cumpriu em parte.

As dificuldades a respeito de como vincular a infra-estrutura e a superestrutura surgiram em consequência de uma interpretação da diferença como correspondendo a uma divisão. Na realidade a economia e a cultura caminham imbricadas uma na outra.
(CANCLINI, 1983, P. 31)

Os moradores (como o Senhor José Cristo e outros) perceberam a necessidade de adaptar um elemento da cultura local para manter aquecida a nascente economia do turismo na vila de Algodual.

Em primeiro lugar, houve a limpeza do lago, com a retirada dos pedaços de madeiras e lixos. Em segundo lugar, passou-se a identificar o novo local como o verdadeiro lago da Princesa. Em terceiro lugar, a narrativa oral adaptou o mito; pois, havia um furo no roteiro: um lago da Princesa não seria lago da Princesa sem a Princesa, e a Princesa costumava aparecer no lago original, e não no lago dos Paus. Resultado:

Quando começou a vir os turistas, começou a incomodar a Princesa... Ela se sentiu incomodada e por isso retirou-se pra mais dentro da ilha, pras bandas do lago dos Paus, que virou Lago da Princesa.

A meu ver, o ciclo de adaptação se fechou com um novo lago e a mudança de “endereço” da bela e misteriosa Princesa. Aperto o botão aqui do relógio, acelero-o, chego aos dias atuais onde o lago original é uma história que nem os moradores citam com frequência, é preciso escarafunchar para conhecer o assunto.

Esse primeiro exemplo de adaptação cultural em Algodual é uma base para compreensão dos demais objetos que apresentarei. Não se trata de emitir juízo de valor sobre a troca de nomes e significados entre os lagos dos Paus e da Princesa, mas sim, de indicar que houve essa troca, houve adaptação de um elemento ambiental, de um símbolo do imaginário local, com influência do turista – em relações interculturais, o turista e o vagabundo, moldando a identidade da vila.

Durante minhas itinerâncias pela vila de Fortalezinha, constatei que a localidade conta com serviço irregular de mototáxi, prestado por moradores locais. Atualmente, cerca de 20 motocicletas realizam deslocamentos contínuos pelas regiões centrais da vila e as trilhas que conduzem à Camboinha. A maioria dos clientes são turistas, que desejam conhecer Fortalezinha ou simplesmente encurtar a rota entre Algodual–Fortalezinha, via Camboinha.

Povo daqui mesmo começou a trazer moto pra vila, o pessoal morador mesmo, usavam pra eles mesmo e pra a algum morador que precisasse. Depois começaram a fazer trabalho de

mototáxi é..., é..., foram pra praça, ficam lá, deve ter uns 20. Mas poder não pode, a Prefeitura até proibiu que os barqueiros atravessassem as motos, porque elas vêm pra cá deitadas nos barcos pra ninguém ver, mas vêm, continua vindo, o povo atravessa.



Figura 35 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Veículos motorizados são proibidos na APA de Maiandeuá, conforme Instrução Normativa n.4 – SEMMA/PA, de 01 de junho de 2007, publicada no Diário Oficial do Estado do Pará na mesma data. Portanto, trata-se de prática ilegal, ainda assim, tem sido adotada com finalidade econômica, para subsistência dos condutores e familiares. Em face da complexidade do assunto, seria irrazoável declarar um olhar negativo sobre o mototaxismo em Fortalezinha – pelo olhar da preservação do meio-ambiente, também a emissão de poluentes. Mas esse serviço se tornou um ponto da economia local, e acabou

melhorando o deslocamento para os turistas que almejam conhecer mais localidades de Maiandeuá, em menor espaço de tempo. Pontos positivos, pontos negativos.

O turismo envolve geração de emprego, promove a cultura e valoriza os produtos locais. Porém mais do que isso, é preciso entender esse fenômeno humano não apenas por seu aspecto multiplicador enquanto atividade econômica que o é, mas, acima de tudo, enquanto fenômeno social e complexo capaz de gerar transformações significativas em um lugar tanto positivas como negativas. É preciso compreendê-lo na sua totalidade e não apenas uma parte dele, pois como afirma Morin (2008) é preciso entender que o todo está na parte e a parte está no todo. (BARRONCAS, 2019, p. 19)

Os entrevistados não demonstraram oposição verbal contra a atividade de mototáxi na vila, mas alguns reclamaram da poluição sonora. Acredito que o caminho que for seguido para tratar o tema deverá passar por um trabalho de escuta dos moradores de Fortalezinha, de sensibilidade com as necessidades do meio-ambiente e da localidade.

A atividade de mototaxismo gerou uma adaptação da cultura no que tange ao meio de transporte histórico na vila: as charretes, a tração animal. Em uma das viagens para pesquisa de campo, estive em Algodoal, em seguida, em Fortalezinha, e ficou muito evidente que as charretes em Algodoal estão em toda a parte, basta andar um pouco pela vila para topar com uma. Em Fortalezinha, avistei muito, muito, umas duas charretes, e dois ou três cavalos. Segundo o Pescador da Margem:

Tem diminuído, pessoal usa mais os cavalos hoje pra transporte de necessidades da pessoa mesmo, tem precisado pouco, povo quando precisa andar aqui é.., pela vila, por aí, lá pro Camboíinha, usam as motos.

A pergunta que cabe, e que se encaixa a todas as adaptações elencadas, é: não fosse a presença do turismo, as charretes teriam dado lugar às motocicletas? provavelmente não na mesma intensidade e velocidade. Portanto,

não se trata de uma adaptação que ocorreria em uma localidade insulana, com semelhante conjuntura, fora da relação turista e vagabundo. Pareceu-me que não está claro na mente dos entrevistados que a proliferação de motocicletas e consequente criação de um serviço de mototáxi tem relação direta com o turismo.

Começou porque a gente usava aqui mesmo, quando o pessoal precisava de alguma coisa, ir ao posto médico, ir pra Camboinha, depois, alguns turistas começaram a pedir pra gente levar lá pro Camboinha, a gente levava, e leva ainda, mas é pra uso nosso mesmo de casa.

A fala do morador Ronco do Motor, que trabalha como mototaxista, pode indicar receio de falar abertamente sobre a atividade, uma vez que desenvolvida de modo irregular, ou que não há essa correlação entre o efeito do turismo, e do turista, e a identidade cultural da vila. Pois as motocicletas em Fortalezinha tem todos as características de serviço de mototáxi, inclusive, com uma espécie de ponto de mototáxi, situado na esquina da praça da vila. A importância de um debate sobre todo o processo adaptativo poderá acarretar na regularização da atividade, quanto nas implicações para a toda a ilha, pois o modelo adotado em Fortalezinha pode se expandir para as demais localidades. Como está posto, em uma expansão sem uma discussão maturada, sem escuta dos moradores, poderá não corresponder as necessidades gerais, e sim, apenas a dos envolvidos. A mudança de meio de transporte em Fortalezinha é uma transformação estrutural que mexe com a história, memória e identidade local.



Figura 36 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

As charretes de Algodual apresentam uma adaptação já enraizada na cultura da vila, ao ponto de ser pouco perceptível a influência do turista. Trata-se de uma estratégia de fidelização, de provocar familiaridade no turista, mas que acabou funcionando como uma forma provocativa e bem-humorada de trazer para a ilha elementos que não são típicos de Algodual, tampouco de localidades insulares: as marcas de automóveis.

Tem o Camaro, Honra, Ferrari, Bugatti, Chevette, tem o...., o...., não lembro tudo, mas tem um monte. Os antigos contam..., o Seu Miguel, pai da Francisca, conta que o povo reclamava muito de ter que andar um estirão até chegar a praia, e tinha uns cavalos por aqui, daí começou [...] Pessoal coloca nome de carro pra fazer graça. Meu pai colocou o nosso, Celta, porque ele acha o nome bonito. Os turistas acham maneiro, tiram um bando de foto.



Figura 37 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

A fala do morador Monza, charreteiro e filho de charreteiro, aponta para uma adaptação que surge de uma interculturalidade, onde a escolha por um lado é uma estratégia para gerar interesse, curiosidade, e cativar o turista, por outro, é uma forma de protagonizar a adaptação, uma resistência cultural, onde o elemento é alterado mediante a relação com o turista, mas nos “termos” do morador, da identidade local.

Um elemento comum entre Algodual e Fortalezinha já apontado no capítulo das itinerâncias é o monumento de identificação do nome da vila; esse objeto é um efeito da turistificação, mormente, para atender as necessidades que o turista hoje possui de tornar instagramável suas viagens, lazeres e visitas a locais turísticos.



Figura 38 Imagens extraídas da internet

Vistos comumente em entradas de cidades, os monumentos e pórticos de boas-vindas, ou apenas com o nome do município, tornaram-se imperiosos país a fora, chegam a ser um clamor social, como foi o caso da minha cidade, Castanhal, onde a implantação de um monumento surgiu devido a um movimento nas redes sociais motivado por um pintor que, com boa intenção, resolveu pintar no muro do cemitério uma saudação para os viajantes. O ato virou meme, mobilizou autoridades, e em poucos meses, inaugurou-se um monumento com o mesmo *design* feito pelo pintor. Rapidamente, imagens de

turistas e habitantes proliferou na internet, tornou-se um elemento da cultura local quase que instantaneamente, e ajudou a divulgar a cidade.

Os monumentos de Algodual e Fortalezinha têm finalidade semelhante aos de cidades como Benevides, Marituba, Castanhal, Capanema, Salinas e outros. Mas com um detalhe: trata-se de um território insulano, onde apenas a relação turística justifica o movimento local para implantação – ah, e Mocooca já iniciou a construção do seu.



Figura 39 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Trata-se de uma adaptação da cultura local que acolhe um elemento típico de áreas urbanas, e torna-o uma parte da identidade visual da localidade – talvez, com o tempo, torne-se a imagem mais difundida em razão de constar em postagens de redes sociais, que possuem uma capacidade muito grande de viralização.

Para ilustrar as finalidades por trás de empreendimentos como pórticos e monumentos, cito a entrevista de Thaise Guedes, Deputada Estadual, ao apresentar projeto de lei para construção de pórticos em todas as cidades com potencial turístico em Alagoas:

O objetivo da construção dos pórticos é deixar as entradas das cidades mais atrativas, elevando cada vez mais a condição dos municípios. Certamente, eles mudarão o visual dos pólos turísticos, principalmente para os visitantes e turistas que visitam o Estado (COMUNICAÇÃO/ALE, 2017).

Algodoal e Fortalezinha são polos turísticos de Maiandeuá e naturalmente progridem para obter melhores condições de infraestrutura e economia para dinamizar o turismo de massa.

A prefeitura colocou aí tem uns dois anos, povo gosta de bater foto, né, nele, mas tem também gente que urina por ali, fica um cheiro podre.

Conforme a fala da Ativista, a decisão de construir os atuais monumentos foi do poder público. Trouxe benefícios, conforme relato dos entrevistados, pois tornou-se um atrativo a mais para os turistas. Ainda assim, é um monumento que se converte em identidade local, em uma parte da cultura local, e pelo que auferi das entrevistas, não há uma relação de pertencimento à Fortalezinha e Algodoal. O modo de se referir aos dois monumentos sempre foi com termos iguais aos utilizados pelo Vendedor: “obra da Prefeitura”, “coisa do Prefeito”, “prefeitura colocou aí”.

O próximo objeto que apresento está inserido entre outros, de cunho mais amazônico: o artesanato com representação de elementos da região. No caso, a produção de um dos artistas locais, e que não teve receios de ser identificado neste trabalho, por isso, identifico-o com seu nome artístico, conhecido por todos: Neguinho.

Trabalhei muitos anos em uma pousada daqui, era gerente, mas me aposentei [...] sempre gostei de fazer esculturas, fazia na época que trabalhava na pousada, mas nunca vi como uma fonte de renda, pra mim era por prazer, por diversão. Pessoal daqui me dizia pra vender, falavam pra turistas, alguns vinham atrás de mim pra comprar, mas nunca quis vender, não. Depois da aposentadoria, disse: quer saber duma coisa, vou vender esse negócio, comecei a vender, povo de fora comprava, fui fazendo mais e mais, depois arranjei este ponto aqui, e vendo por aqui mesmo. Foi assim. Sou conhecido por guia de trilhas em Algodual, sabia? Sim, já dei entrevista pro povo do programa do É do Pará, até pra uma reportagem do Fantástico. Povo sempre me procura, porque conheço muito aí por dentro.



Figura 40 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

O ponto de venda do artesanato do Neguinho é um box no terminal hidroviário de Algodual, espaço nobre, na passagem de todos os turistas que aportam na vila. Neguinho utiliza matéria extraída da própria região, como raízes de mangueiro, miriti, troncos de árvores e outros paus que o artesão encontra pela ilha.

Essa escultura aqui, a maior, fiz a partir de um tronco velho que achei perto do lago da Princesa, não corto nenhuma madeira, tudo é natural, que a própria natureza larga, vou lá e cato.

Na fotografia acima, é possível notar elementos típicos de Algodual, como as charretes, garças, casas ribeirinhas, guarás. Chamou-me a atenção um objeto que destoava do cenário do balcão: o automóvel. Ali, no meio das retratações locais, havia vários carrinhos de miriti.



Figura 41 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

Com a curiosidade aguçada, interroguei Neguinho sobre a produção daqueles objetos.

Fiz os primeiro por fazer, é..., foi vendendo, teve saída, os turistas sempre compram, costumam levar as charretes e os carros. Teve saída, vou vendendo. Na ilha não pode carro, né, mas no balcão do Neguinho, pode. Teve uma família de turista uma vez que encomendou uma dúzia daquele carro..., é..., um que parece uma camionete, esqueci a marca, fiz, eles encomendaram em julho, voltaram em novembro, e pegaram comigo.

Ainda que o direcionamento do artesanato de Neguinho para a confecção de carros sugira uma adaptação de pouca consequência para a cultura local, procurei demonstrar com esta abordagem que o fenômeno das mudanças em curso na cultura de Algodual e Fortalezinha está presente desde a adaptação do lago da Princesa até a um produto artesanal movido pelo interesse exógeno do turista. O mesmo turista que dirá que se banhou no lago da Princesa será o mesmo que mostrará o carrinho de miriti para amigos, colegas, ou adornará sua estante com esse objeto, e ligará a imagem de Maiandeua a um automóvel, sendo que o veículo motorizado não faz parte do cenário maiandeuense. Igualmente, as girafas de miriti, também confeccionadas por Neguinho, e que sequer compõem a fauna brasileira. É o efeito da globalização? Certamente. O mesmo efeito que gerou em Gruzinski estranhamento com a discussão de assuntos da Inglaterra por moradores de Algodual (GRUZINSK, 2001).

Não é somente acerca de benefícios ou malefícios, mas da consciência do processo de adaptação da cultura. Trata-se de o morador ter o conhecimento sobre a influência do turista, das relações de consumo envolvidas em um lago que necessita de continuidade, mesmo que em outro espaço, ou de um pórtico que representará a localidade perante um mundo sedento por registros audiovisuais em redes sociais. De posse dos indicativos do processo, de suas implicações, o morador pode entender como necessário uma determinada perda, ou pode compreender que a perda afetará a identidade local de forma

negativa, e dessa maneira, construa ações coletivas de conscientização, de resistência cultural.

A ausência da percepção crítica sobre o processo de adaptação da cultura acarreta alterações da identidade local, e não raro, conflitos internos, sem que as partes compreendam a origem. Por exemplo, o descontentamento e animosidade nas falas dos entrevistados acerca da divisão não igualitária de investimentos na infraestrutura das vilas, em especial, os entrevistados de Fortalezinha, que manifestaram reclames diante de um aparente favorecimento de Algodual. É um conflito que tem relação com o modelo de turismo de massa incentivado pelas políticas públicas.

E o turista onde entra nessa história? Se lançarmos tudo na conta do Estado, ou do Conselho gestor da APA, isentamos o turista de perceber que sua passagem causa efeito – como se disséssemos: entre na água, mas não preste atenção às pequenas ondulações que seu corpo provocará. O turista é um ator no processo de adaptação. Se o morador, como o artesão Neguinho, percebe que a venda de carro de miriti tem lucratibilidade, e, por esta causa, passa a investir na produção desse objeto, o turista foi o vetor dessa mudança do trabalho do artesão. Alguém expressará: mas é normal dentro de um mundo globalizado e informacional, onde a internet leva todos os assuntos a toda parte. De acordo. Mas para chegar à afirmação dos efeitos naturais de uma globalização é necessário compreender o que é globalização, quais suas implicações, seus efeitos, seus ganhos e suas perdas. A obviedade nem sempre é óbvia para todos. Bauman liga a figura do turista a um mundo de consumo, de ausência de pertencimento ao lugar, auto-aprisionados em “bolhas de osmose”, dotados de fragilidade identitária, posto que a fruição é uma essência do turista baumaniano:

A figura do turista é a epítome dessa evitação. De fato, os turistas que valem o que comem são os mestres supremos da arte de misturar os sólidos e desprender o fixo. Antes e acima de tudo, eles realizam a façanha de não pertencer ao lugar que podem estar visitando: é deles o milagre de estar dentro e fora do lugar ao mesmo tempo. O turista guarda sua distância, e veda a distância de se reduzir à proximidade. É como se cada um deles

estivesse trancado numa bolha de osmose firmemente controlada; só coisas tais como as que o ocupante da bolha aceita podem verter para dentro, (BAUMAN, 1998, P. 114)

4.2 TURISMO COMUNITÁRIO, UMA SOLUÇÃO PARA O TURISTA E O VAGABUNDO?

E como tornar-se consciente de processos adaptacionais e discernir seus ganhos e suas perdas? O turismo de massa não tem como foco manter um equilíbrio entre os múltiplos interesses envolvidos em uma região com potencial turístico. É importante buscar uma forma de turismo que leve em conta o protagonismo do morador, a conscientização do turista, e um trabalho colaborativo entre sociedade civil e o Poder público com fins de empreender um planejamento estratégico para um turismo que acolha as questões econômicas sem esquecer as vulnerabilidades sociais, especialmente, de localidades como Maiandeuá, que goza de visibilidade durante altas temporadas, e sofre com os dissabores das invisibilidades na maior parte do ano.

Se o turismo é considerado um dos mais importantes agentes de mudança em qualquer sociedade, então ele não pode deixar de evoluir sem um planejamento. No entanto, este planejamento deve ser estratégico, integrador, participativo e pluralista no sentido de envolver as dimensões sociais, econômicas e físicas (GUNN, 1994). (MARUJO e CARVALHO, 2010, p. 147)

Marujo e Carvalho (2010, P. 147) apontam para o fato de que o turismo se revestiu de uma relevância que perpassa vários âmbitos, como o político, o econômico, o ambiental e o sociocultural. Com o interesse de tantas esferas, é impossível uma solução unilateral. Para um equilíbrio entre ganhos e perdas em eventuais processos de adaptações da cultura local é indispensável o envolvimento de todos.

Com olhos nas discussões da Marujo e Carvalho (2010, p. 160) sobre o planejamento de um turismo com sustentabilidade, e os apontamentos feitos por Barroncas (2019, 139-141), o turismo comunitário surge como um caminho viável para que as adaptações culturais de Algodual e Fortalezinha se tornem um fenômeno discutido colaborativamente entre todos os âmbitos sociais. Apontam Fontoura, Santos e Alvite:

Nesse movimento, a proposta de *Turismo de Base Comunitária* (TBC), em articulação às UC, vem adquirindo cada vez mais visibilidade como uma alternativa de turismo, em bases sustentáveis e segundo o compromisso ético de justiça e resistência social. Isso porque o TBC emerge, em planejamento turístico, como uma via possível para a inclusão econômica e social de grupos vulneráveis e, também, para a conservação da biodiversidade e para a valorização dos modos de vida de povos e comunidades tradicionais. Por essa perspectiva, as iniciativas de TBC reafirmam a importância das alternativas endógenas e do protagonismo social local nos processos de planejamento e desenvolvimento turístico, em articulação à gestão de Unidades de Conservação. Parte-se, assim, do pressuposto que as populações locais são essenciais ao processo de conservação da biodiversidade como parceiras da gestão pública (FONTOURA, SANTOS e ALVITE, 2019, p. 15)

O ICMBio adota como definição para o turismo de base comunitária:

Turismo de Base Comunitária é um modelo de gestão da visitação protagonizado pela comunidade, gerando benefícios coletivos, promovendo a vivência intercultural, a qualidade de vida, a valorização da história e da cultura dessas populações, bem como a utilização sustentável, para fins recreativos e educativos, dos recursos da Unidade de Conservação (ICMBIO, 2018)

Barroncas aborda a seguinte discussão sobre o turismo comunitário:

Na contramão desse cenário, e de maneira a resistir às imposições da globalização, embora ela esteja como pano de fundo, há uma vertente do turismo promovendo a valorização das comunidades e tornando-as protagonistas nesse processo, fortalecendo a coesão social, o associativismo, a reafirmação da cultura, enxergando nessa prática social uma possibilidade de conservar o ambiente no encontro com o outro, o chamado turismo comunitário. (BARRONCAS, 2019, P. 109)

O turismo comunitário é uma ótima alternativa para Maiandeuá, onde se constata que políticas públicas são efetivadas sem abrir consulta ou discussão com os moradores, e a identidade cultural tem sofrido adaptações mediante as relações entre o turista e o vagabundo, sem que haja uma percepção de todos os fenômenos envolvidos no processo.

Claro, uma proposta de um turismo comunitário também passaria por uma discussão com os moradores de Maiandeuá, para não incorrer em uma outra ideia imposta, com as muitas que os moradores me relataram ter sido discutidas e decididas fora da ilha, por representantes de ONGs, políticos e ativistas ambientais, depois implementadas sem avisos prévios.

Barroncas (2019, p.109) indica que no modelo em questão, as comunidades têm protagonismo e reafirmam sua cultura; esse é um ponto que interessa para nossa reflexão, pois dessa forma, Algodual e Fortalezinha terão maiores chances de ponderar perdas e ganhos com o aumento do turismo em suas localidades, e com o agravamento das mudanças infraestruturacionais, sociais e até mesmo ambientais que os interesses turísticos trarão.

Prossegue Barroncas:

E qual turismo diante desse cenário das experiências, do viver desejamos para a Amazônia? Estamos em busca de um turismo eminentemente capaz de religar (MORIN, 2013). Religar ideias, saberes e conhecimento, religar as pessoas ao ambiente não em uma relação de mercantilização da natureza, mas de

entendê-la minimamente na sua essência e não apenas como recurso ou atrativo turístico o que vem sendo feito desde o fim do último século. (BARRONCAS, 2019, P. 140)

Agrada-me a ideia de um turismo planejado, com inclusão das necessidades das comunidades, e protagonismo dos moradores locais, e que, como diz Barroncas, religue “saberes e conhecimento”, comunidades e pesquisadores, moradores e Poder público, consumo e necessidades nativas, culturas exógenas e endógenas, tradição e moderno, turista e vagabundo.

Somos todos viajantes (BAUMAN, 1993), turista e vagabundo é um condicionante social, portanto, alterável mediante a percepção do papel exercido durante a viagem. Um turista pode ter percepção do seu estado de constante trânsito, alheio ao local da transição, e sem raízes com a cultura local; assim também o vagabundo pode adquirir percepção das fraturas na identidade cultural de sua localidade provocadas pelo estímulo do consumo, muito presente no turismo de massa. A palavra-chave então é percepção, que vale, logicamente, para o âmbito ambiental. Barroncas informa que o turismo comunitário, ou turismo amazônico, passa por uma percepção ambiental que, em síntese, percorre um caminho com as seguintes etapas: sensações, motivações, cognição, avaliação e conduta.

Com esse processo de ressignificação e modificação das relações endógenas e exógenas de um determinado polo turístico, o turismo tende a ser visto menos como um produto, e mais como um mecanismo socioeconômico capaz de proporcionar sustento, lazer, desenvolvimento, preservação da biodiversidade, e, sobretudo, a dignidade humana para localidades como Algodoal e Fortalezinha, as duas vilas irmãs em uma terra onde a semântica do nome traz a ideia de maternidade, conforme o Poeta:

O pessoal interpreta Maíandeuá, a palavra Maíandeuá, como “mãe terra”, coisa do tipo, mas se tu for ver, Maíandeuá vem do tupi, e quer dizer: “terra de muitas mães”. Muitas mães porque, cara, tem muitos encantados em Maíandeuá, e cada encantado é uma mãe da ilha, a própria natureza é uma mãe,

e., cara, muita mãe é sinal de muito filho, e todos nós, somos filhos dessas mães, desses seres encantados que andam por aí, a Amazônia é filha de encantados. É assim que eu vejo (...).



Figura 42 Acervo de Franciorlis Freitas Viana

CONCLUSÃO

Em um mundo onde todos somos viajantes (BAUMAN, 1998), a percepção do papel exercido como Turista ou Vagabundo (célebre metáfora baumaniana) é importante para compreender a relação que mantemos com o local. O Turista não tem raízes com o local e sua maior permanência é seu estado de impermanência; seu alter ego, o vagabundo, tem vínculos firmes como o local, mas está exposto ao mundo do consumo do Turista, e acaba “vagando” em si, com a expectativa de aproximar-se do ideal do turista. Essa tensão costuma gerar fraturas na identidade cultural da parte economicamente mais vulnerável, o vagabundo.

Neste trabalho, chamamos essas fraturas de adaptações da cultura. O processo de adaptação envolve perdas e ganhos. A rigor, no turismo de massa, as localidades que vivem dessa atividade costumam sofrer mais perdas do que ganhos, inclusive, com prejuízos para suas identidades culturais.

Ao longo da pesquisa de campo, das entrevistas com moradores, de extensa pesquisa bibliográfica, e aplicação da metodologia Malha de Saberes, identifiquei elementos culturais que demonstram existir adaptações da cultura local nas duas vilas pesquisadas: Algodoal e Fortalezinha. Algumas adaptações são originadas de estratégias dos próprios moradores, outras são impostas pelas necessidades do turista ou por políticas públicas alheias aos interesses das vilas. Em todos os casos, há o interesse de fidelização do turista e aumento do fluxo de frequentadores em Maiandeuá. Infelizmente, são ações estatais sem planejamento sustentável e pouco sensíveis com a voz dos moradores.

As adaptações da cultura têm criado um efeito preocupante ao longo do tempo: as cisões e conflitos internos, expostos nas falas dos entrevistados. Fortalezinha reclama de melhores investimentos em pé de igualdade com Algodoal; já Algodoal é a vila que apresenta maiores efeitos das relações interculturais com os milhares de turistas que desembarcam na ilha em altas temporadas.

As adaptações culturais destacadas nesta dissertação são sintomáticas de um processo de turistificação que perpassa Algodual e Fortalezinha há décadas, com intensificação nos últimos 20 anos devido a melhorias infraestruturacionais que as vilas receberam – em especial, Algodual.

Na busca por um caminho que ofereça equilíbrio entre economia e cultura local, entre exógeno e endógeno, entre Turista e Vagabundo, é importante considerar que Algodual e Fortalezinha, a despeito de certa concorrência entre ambas, são unânimes em se queixar que as políticas públicas implementadas na ilha são decididas fora da ilha, em círculos políticos, por pessoas que, segundo os moradores, pouco ou nunca pisaram na ilha.

Algodual e Fortalezinha ainda estão em um estágio de turismo onde as vilas são produtos, os moradores são prestadores de serviços e promovedores do lazer do turista. Como destacado por Barroncas (2019, p. 35): “é inquestionável a vocação turística da Amazônia [...]”. Essa vocação precisa receber uma forma de turismo que valorize e respeite os saberes locais, que estimule o protagonismo das comunidades que abrigam os turistas. Em outra frente, o próprio turista necessita ter uma percepção ambiental, e isto é uma aprendizagem que deve vir desde a base educacional, e alcançar os domos acadêmicos.

O turismo de base comunitária é um caminho possível para contextos como os de Algodual e Fortalezinha, pois preconiza uma forma de turismo que põe a comunidade no centro da construção de planejamento e ações para um cenário associativista, com empoderamento das comunidades que trabalham com o turismo, com experiências mais significativas para o próprio turista, onde ele desfrute da natureza, da cultura, da biodiversidade, com conhecimento e respeito pela comunidades tradicionais que os acolhem.

Seja o turismo de base comunitária, seja outra forma, formato, modalidade, proposta, ideologia, o que for, que lance as bases do turismo em Algodual e Fortalezinha é indispensável que a cultura seja um ativo agregador, difusor da história e memória das vilas maiandeuenses, representante dos saberes, dos encantados, de toda a riqueza de fauna, flora, diversidade social e mitopoética. Se a cultura pode sofrer adaptações? Pode. Diria: inevitavelmente sofre. Mas uma adaptação vertical, para atender somente aos interesses de fora

da comunidade, é um ato desrespeitoso contra a natureza dinâmica da cultura. Impedir que a cultura se adapte é violento; acelerar essa adaptação compartilha do mesmo problema. O ideal é que os moradores tenham a autonomia, conhecimento e poder para negociar suas adaptações, com a mensuração de suas perdas e ganhos. Desta feita, a permanência ou modificação (e o ritmo modificacional) da identidade cultural se mantenha nas mãos da comunidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**, 9ª Edição, Austral: Paidós, 2015.

CANCLINI, Nestor. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1983

CASA, Carimbó. **Texto Maiandeuá**. Facebook:casadocarimbofortalezinha. Disponível em: <https://www.facebook.com/casadocarimbofortalezinha/> Acesso em: 22 de novembro de 2023.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

NOVO, Cristiane Barroncas Maciel. **Turismo Amazônico: experiências no alto rio Solimões, Amazonas**. Manaus-AM, 2019.

BRAMBATTI, Luiz Ernesto. **O turismo como mercadoria no capitalismo avançado: uma análise conceitual**. Porto Alegre: EST editora, 2002. p. 1-8.

ELSON_PA. TRIPADVISOR. 2017. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Hotel_Review665-Reviews-or5-Pousada_e_Restaurante_Chales_Do_Atlantico-Algodoal_State_of_Para.html Acesso em: 05 de dezembro de 2023.

FERNANDES, J. G. dos S. **Pés que andam, pés que dançam: memória, identidade e região cultural na esmolação e marujada de São Benedito em Bragança (Pa)**. Belém: EDUEPA, 2011.

FONTOURA, A. G. C.; SANTOS, B. V. de S.; ALVITE, C. M. de C. **Turismo de Base Comunitária em Unidades de conservação Federais: Caderno de experiências**. ICMBio. 1 ed. Brasília-DF, 2019.

G1. PARÁ. **MP firma TAC com carroceiros da ilha de Algodual, no Pará**. 11.07.2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/07/mp-fir-tac-com-carroceiros-da-ilha-de-algodoal-no-para.html> Acesso em 30.06.2024.

GOMES, Ícaro. Blog Ícaro Gomes. **Internet fibra ótica chega à Fortalezinha e região do Mocoóca**. Disponível em: <https://www.icarogomes.com/202internet-fibra-otica-chega-fortalezinha.html>. Acesso em: 07.04.2024.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. Tradução de Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LISBOA, Roberto Eduardo Bastos **A Reestruturação das Relações de Poder e o Redesenho do Território da Vila de Algodual (Maracanã -PA) após a criação da APA Algodual-Maiandeuá em 1990**: Dissertação de Mestrado / Roberto Eduardo Bastos Lisboa. — 2018

SARNEY, José. São Luís, Ilha do Amor. **O Estado do Maranhão**. Maranhão, 2015, p. 5;

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Unil Imóveis. **Florianópolis é uma ilha? Saiba tudo sobre a Ilha da Magia**. 14.07.2022. Disponível em: <https://unilimoveis.com.br/florianopolis-e-uma-ilha-saiba-tudo-sobre-a-ilha-da-magia/>. Acesso em 01.07.2024.

LOUREIRO, Paes. **Obras reunidas**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MARUJO, M. N.; CARVALHO, P. **Turismo, planejamento e desenvolvimento sustentável**. Turismo e Sociedade. Curitiba, 2010.

MORAIS, Ana Paula Melo de. **TURISMO E TRANSFORMAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NA AMAZÔNIA: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DOS RESIDENTES DA VILA DE ALGODOAL – PA**. PPGDSTU – UFPA, Belém, 2022.

MASCARENHAS, A. L. S. **Gestão Territorial Entre o Uso e a Disponibilidade dos Recursos Naturais na APA de Algodual-Maiandeuá/PA**. 2004. Monografia (Especialização em Geografia) – Núcleo de Meio Ambiente, UFPA, 2004.

MAIANDEUA, **Filhos de. Texto Maiandeuá**. Facebook: filhosdemaiandeua. Disponível em: <https://www.facebook.com/filhosdemaiandeua/>. Acesso em: 22 de novembro de 2023.

RAIOL, Carlindo Silva; BENTES, Jeanny Marceley Barreto; FARO, Carmen Lira. **O lazer dos moradores da Vila de Algodóal, na ilha de Maiandeuá, Maracaná – PA**. Revista Hispeci & Lema On-Line, Bebedouro-SP, 5 (1): 12-27, 2014.

QUEROL, Ricardo. **Zygmunt Bauman: “As redes sociais são uma armadilha”**. El País. P. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/como-citar-uma-revista-nas-normas-abnt-impressa-ou-digital/>. Acesso em: 09.11.2023.

SILVA. Gerson Santos. **ENCANTADOS DA AMAZÔNIA: OS ESPÍRITOS DA NATUREZA**. Saberes e Práticas. Rio de Janeiro-RJ, 2014. Disponível: chromeextension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400206941_ARQUIVO_ArtigoparaaANPUH,EncantadosdaAmazonia.pdf Acesso em: 07.11.202

SOUZA, Patrícia Inês García de. **Mayandeuá: Espaços e imaginário em narrativas de uma comunidade do litoral paraense**. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 1999.

LISBOA, Roberto Eduardo Bastos. **A reestruturação de poder e o redesenho do território da Vila de Algodóal (Maracaná-PA) após a criação da APA – Algodóal/Maiandeuá em 1990**. Belém, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, 2018.

WANESSA. **BOOKING**.2023. Disponível em: <https://www.booking.com/hotel/br/la-luna-fortalezinha-maracana1.pt-br.html#tab-reviews>. Acesso em: 29 de novembro de 2023.